REVISTA
DE
Arte e critica

SERIE 2.ª

Fasciculo n.º 3

AVE-AZUL

DIRECTORES:
Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos

VIZEU. MARÇO DE 1900

CHRONICA

QUANDO em 91 cheguei a Coimbra, era o periodo agudo do Nephelibatismo: — Eugenio de Castro e as *Horas:* não se fallava noutra coisa. Dos *Oaristos,* publicados um anno antes, só por incidente uma palavra...

As *Horas!* as *Horas* é que era!

E ai, de quem não jurasse sobre aquellas *Horas,* que era para logo apontado ás turbas como bocicôdeo, barbaro, burguez e nem eu sei já que mais coisas feias e humilhantes.

D'estes fui eu, por mal de meus peccados, apesar do muito que estimava os *Oaristos.*

Naquella levada de poetas eugenio-castrados — castrados do genio ou de genio castrado é que elles eram, na sua maior parte — naquella levada de poetas eugenio-castrados, eu fui, essa gloria me cabe, o unico que se não deixou ir na onda: naquella religião nova fui eu o unico protestante.

Documento do facto, ahi estão as *Miragens* publicadas em 93...

Foi um *tolle* geral, estridulo, fulminante!

Cabano de todo, o pobre de mim, debalde, como a pedir

perdão do attentado, me fartei de coçar e recoçar a orelha direita, cuja parte posterior, no dizer de Plinio, era consagrada a Nemésis...

Não me perdoaram os triumphadores do momento:—toda uma multidão innumera de poetas anagogicos, cacarejando mais seus versos que gallinhas o ôvo, como os outros de quem falla, nos *Vilhalpandos,* o bom do Sá de Miranda; tendo desflorado, que não deflorado, o livro d'escandalo do alto poeta dos *Oaristos;* e propondo-se, após tão rapida preparação, nada menos que reformar o Mundo e a Arte: o Mundo, apregoando uma philosophia manta de farrapos—Schopenhauer e Tolstoi fornecendo os matizes do centro—em que panegyricavam o amor esteril, emquanto enchiam de filhos as tricanas; a Arte, fabricando versos de pé quebrado e versos de legoa e meia, capazes de encher as medidas ao Capitão-mór da *Morgadinha* e a quantos capitães-mores estejam para vir a este mundo dar sobre versos a sua auctorisada opinião.

E como para desmentirem o Eugenio de Castro que se queixava de que os Francezes lhe tinham levado tudo, iam-se-me elles ao Eugenio de Castro e levavam-lhe... o que os Francezes lhe tinham deixado ficar—e os *logares communs* do Romanticismo, contra que os *Oaristos* se tinham erguido em justissimo protesto, passaram a ser substituidos pelos *logares communs* do Nephelibatismo que, desde que eram *logares communs* tambem, não valiam, a meu ver, nem mais nem menos que os outros.

Abria-se um livro, um dos muitos livros, prosa ou verso, que por esse tempo appareceram... para desapparecerem—ephemeros, mas inoffensivos; que não, como os ephemeros, venenosos—abria-se um d'esses muitos livros e não deparavamos outra coisa senão—luas elysias e perfumes elysiaes; halos virginaes e aureolas hesperaes; horas lythurgicas e contos feeraes; alvores pucellares e frontes liliaes; bandós bibliaes e rosetas auguraes; freiras pallescentes e palôres claustraes; e unhas de calcedonea e labios de cochonilha e faces de cinabrio; e uma pasmaceira de chrysolampos e berillos e balais e balaintes e cardices e asterias; e todo um horror de celido-

neas e crepudinas, á mistura com pedras thracias e pedras armenias, pedras basares e pedras candares, pedras d'aguia e pedras da bexiga — e pedras d'ara tambem!

E ficavam-se muito chinchavarellas os chinchavarelhos que taes coisas nos cantavam! e a gente... com o entendimento feito em cisco, que não apenas cheio de cisco, como dos maus escriptos diz o Bento Pereira que nol'o deixam!

Se dos livros se passava aos auctores, a confusão crescia: —todas aquellas espiritualissimas creaturas, monges professos da Abstinencia no Convento da Renuncia, sahiam-nos ao cabo muito azevieiros e alfarios; tanto mais castiços como homens quanto menos o eram como escriptores; uns bromas afinal, que na bruma dos seus sonhos, se eram balbos, era de brama. Por se debruarem de ascetas, não ficavam menos patuscos: os negros-assas, por sairem alvos e loiros, não deixam de ser... filhos de negros.

Uma comédia, que, longe de ser comedía, nem chegava a ser comedeira ..

O publico não os lia nem os ouvia já: embatucara a principio; encolhera os hombros depois: e deixava-os lá com a sua contínua a rouquejarem de cysnes pelos corrilhos onde uns aos outros se passavam cuchimiocos... para a immortalidade.

E a poesia, que, antes, por ter cahido na banalidade, já pouca influencia tinha, agora, por se ter tornado uma habilidade, perdera-a toda; e os poetas, que primeiro eram apontados como uns refinadissimos doidos, eram agora classificados como uns grandissimos pandigos.

E vamos lá que o publico tinha rasão.

No que o publico não tinha rasão, e no que não a tinha eu tambem (para me accusar d'este peccado é que eu me resolvi a fazer esta Chronica) no que nem o publico nem eu tinhamos rasão era em lançar tudo á conta das *Horas*. Não: a culpa não era das *Horas*, nem de Eugenio de Castro portanto: a culpa foi d'elles e só d'elles, os pastichadores, — os proselytos do Apostolo são por vezes os primeiros carrascos do Evangelho — que, por aquelle instincto de imitação que o dr. Crocq disse ser proprio do homem, correram a metter-se no

expresso da Originalidade em que tomara logar o Eugenio de Castro e, agora os vereis! começaram de gritar que eram Poetas, só porque sabiam combinar duas rimas, e mais que eram Novos, só porque faziam uso de bathologias e alliterações, e que eram Nephelibatas tambem, só porque nem elles a si proprios se entendiam.

Náo se tractava de parnasianismo nem de symbolismo nem, muito menos, de instrumentismo: elles sabiam lá o que isso fosse?! A Biblia quem a lê e quem a sabe são, por via de regra, os protestantes: elles tambem de theorias e d'escholas nada sabiam nem queriam saber: o grande caso era fazer versos como os de Eugenio de Castro, visto que Eugenio de Castro, com os seus versos, conquistara a celebridade.

E vae depois, foi o que se viu.

O Eugenio de Castro, mal aquella carneirada toda lhe entrou pelo *expresso*, dentro, apertou as mãos na cabeça, apesar de todo o seu nobre e altivo desdem de nephelibata; e... na primeira estação escatamugiu-se-lhes para um *omnibus*, deixando-os ir lá a elles para onde não fizessem mal.

E elles lá foram; e para tão longe foram, que de taes poetas e suas obras nunca mais houve noticia.

O Eugenio de Castro, esse, ficou: e as suas obras, ellas ahi estão:—nove volumes, tantos como os annos que desde então decorreram, todos elles a attestarem, no poeta lídimo e cadímo que é o seu auctor, um talento real e pujante e fecundo e indiscutivel—oiro finissimo que não precisa de ir á copelha.

*
* *

Como, por amabilissima lembrança do auctor, me visitasse ha dias um exemplar da 2.ª edição dos *Oaristos*, não pude ter-me, eu que em Coimbra os lera e admirara, que não procurasse aqui desfazer um equivoco em que o proprio Poeta parece ter cahido. A celeuma que diz terem levantado os *Oaristos*, não foram os *Oaristos* que a provocaram; não foram. Mesmo com a forte dose de exaggêro que o auctor confessa haver neste seu livro, a verdade é que os *Oaristos* de quan-

tos sobre a materia pudessem ter voto só applausos, e com toda a justiça, provocou: para o quê basta ver o que d'elles disseram Ramalho Ortigão, João de Deus, Simões Dias, Visconde de Ouguella, Abel Botelho e o proprio Fialho d'Almeida que em certo n.º dos *Gatos*, se se revoltou, foi contra as *Horas*; e dos *Oaristos* nem sequer falla.

As *Horas*, sim, é que provocaram celeuma e tanto maior celeuma quanto maior, por má ventura sua, foi a innundação de livros disparatados que as *Horas* suscitaram ou que com as *Horas* se abonavam.

De resto, e para ser inteiramente justo aqui o digo tambem e com isso termino, as proprias *Horas*, que estão para os *Oaristos*, como estes para as *Canções d'abril*, por exemplo, no tocante a exaggeros, diga-se, as proprias *Horas* tiveram toda a razão de ser e bem haja o Poeta por as ter escripto e publicado: a tarefa que se propusera ficaria a meio, se o não tivesse feito: vingaram as *Horas* levar a cabo o que os *Oaristos* haviam iniciado: se estes vieram «sublinhar com um violento traço vermelho a estagnada chatesa das formas poeticas d'então», aquellas, carregando mais ainda o traço, tornaram-o indelevel para largos tempos e para largos tempos ficarão avisando do perigo a todos quantos d'alma e coração se devotarem á Poesia em terras de Portugal.

Porisso ás *Horas*, como aos *Oaristos*, «ninguem se atreverá a negar-lhes, historicamente, um importante e duradouro logar na litteratura portuguesa do seculo que finda».

O que o poeta disse dos *Oaristos*, digo-o eu, e sem medo de errar, dos *Oaristos*—e das *Horas* tambem.

Eugenio de Castro tem no prelo duas obras: *Depois da Ceifa* e *Constança*: que se não demorem muito são os nossos votos.

CARLOS DE LEMOS.

SALLA DE VISITAS

De HENRIQUE DE VASCONCELLOS:

A TORRE

CAPITULO I

Repentinamente, houve um estalar de vidros ; uma lufada de vento entrou, sacudindo as cortinas, arrepelando-as e fazendo tombar o pequeno candieiro de petroleo que amarellava o quarto.

Ficaram ás escuras, espavoridas, tacteando o vasio com os braços magros, a quererem encontrar-se, e, unidas, olhos fechados, a barricarem-se contra *o* que entrava d'assalto, ignorado e talvez irreal, por ventura conhecido, por ventura existente.

As mãos a tactearem o vacuo, depois arrastadas sobre o panno da meza, aos encontrões ás cadeiras, ambas á procura, sem saber bem de quê, até que houve um ruido de phosphoros dentro d'uma caixa, e uma luz bruxoleou, logo apagada, e, mais dançarino, mais macabro, mais violento, o vento entrou pelos vidros partidos, sarabandeou pelo quarto, fazendo-as dar costas á janella ; e, sem atinarem com a porta, foram esconder-se, trementes, as magras mãos enlaçadas, debaixo da meza, que tremia tambem, talvez de terror, pensavam, mas do vento que era forte e passava por cima da floresta altissima de eucalyptos, gemendo, gritando e sacudindo e retorcendo-se em epilepsias, embriagado, phantastico sabbat de ventanias pela hora tragica na provincia, 10 horas d'uma noite de procella, em que de longe em longe, pelas ruas de lumes apagados se ouve o uivar d'um cão, sinistramente, agoirentamente...

De novo o vento acalmou; e debaixo da meza houve uma irresolução, depois dois corpos se ergueram, e encostados, fazendo paravento, outro phosphoro riscou e uma luz azulou, tremeu e tornou a extinguir-se. Outro e outro...

E novamente o terror apossou-se das creaturas, qne se agacharam ainda, e ficaram, os olhos luzentes, immoveis como mortos, espreitando, perscrutando, querendo ouvir debaixo da voz do vento, alguma cilada, alguma escalada.

Nas almas uma grande noite tinha passado, mas, numa voz falsa, de sino de egreja interdita que chama ao sabbat, convida a horrores de missa negra, o relogio bateu, contou, onze vezes a hora.

E ellas novamente espavoridas, julgando que o relogio renovara a hora, que o tempo realmente já galgara, tremeram debaixo da meza, arripiaram-se e, como um acompanhamento, os dentes bateram, fortemente, e as descarnadas mãos se estorceram, se arranharam, unhas crispadas na carne que gottejou.

Mais corajoso, um corpo, desdobrou-se e novamente um phosphoro riscou a luz e poude accender-se uma vella.

Então quando viram d'onde viera o terror: um eucalypto sobranceiro ao telhado que se curvára a escapar á furia do vento, e batera com os galhos na janella, quebrando um vidro, houve nas duas mulheres um sorriso nervoso, desbotado na mãe, sanguineo na filha, e fecharam prestes, as portas de madeira. E olharam-se, outra vez o riso a mostrar demasiadamente as gengivas,—quasi brancas na mãe ensanguentadas, de papoula e sangue, na filha,—brilhante nos olhos, o mesmo medo, a tremer e a reproduzir-se nos oculos d'ouro da mãe.

Numa acalmia de vento, ouviram o rodar d'um trem, que estacou. A campainha, velha, comida pela ferrugem, num som falhado do chocalho cortou o silencio.

Em ambas, o mesmo terror se mostrou nos olhos perdidos e egual desejo as sacudiu, de que a outra fosse a ver quem batera.

Abaixaram os olhos e encontraram-se ambas na porta,

ambas caminharam pelo corredor largo e comprido, onde a vella tremia e parecia morrer d'encontro ás portas que listravam a parede de nodoas azues, corredor glacial e nú, em cujo lagedo os passos soavam tristemente, em desespero, a morrer no echo, que a abobada formava. A luz bateu na janella, e lançou uma claridade tenue sobre a rua, onde o trem esperava, as lanternas incendiadas e o respirar dos cavallos, nimbava-lhes as queixadas.

—Faz favor! E' o sr dr.! gritou o cocheiro, impaciente, aconchegando o gabão.

A porta abriu-se, puxado o trinco de cima, e da carroagem sahiu um homem magro, envolvido numa pelliça, que galgou os interminaveis degraus e entrou.

Houve outra vez um pavor. Outra vez as mãos se uniram, e os olhos brilharam.

—Boas noites. Vim tarde. Já me não esperavam?

O silencio respondeu-lhe. Olhavam a sua figura magra, o seu rosto cortado de rugas, como um campo por onde repetidas vezes a charrua tivesse passado e num olho só, mais aberto, a luneta a brilhar, d'encontro á vella.

Admirado, reparou nellas. Continuava o terror a sacudil-as.

—Heim? Que mulheres tão originaes, a que elle mettia medo? E nem me fallam! Se ao menos me mostrarem o quarto? pensou.

—O meu quarto está prompto?

Levaram-o pelo corredor, onde as portas listravam d'azul a parede branca e os passos tinham, sobre o lagedo um som triste e desesperado, a morrer no echo que a abobada formava.

—Por aqui, segredou a velha numa voz que parecia tecida em silencio.

O visitante entrou, tirou a pelliça e as luvas. Nos dedos brancos, brilhavam anneis. E no seu corpo fino, que um fato inglez vestia, uma certa elegancia cançada ameigava a regidez angulosa d'alguns gestos.

E outra vez, como ante os vidros partidos, as boccas das duas mulheres sorriram nervosamente, mostrando labios exan-

gues e labios de lacre, e nos olhos o mesmo brilho e o mesmo terror.

—São mudas, pensou, que a voz de ha pouco, era apenas a sombra d'uma voz, a lembrança a apagar-se d'um som que já existiu. Muito boas noites, minhas senhoras, e muito obrigado por me terem esperado.

E ambas ellas, cadenciando os passos, ainda agarradas, sahiram, metteram-se no corredor, e na mesma cama se deitaram, os olhos abertos, os dentes cerrados, passaram a noite, sem trocar palavra, ouvindo o vento que redemoinhava, saccudindo as arvores, levantando os telhados, ebrio, macabro, doido...

O estremecimento d'uma encontrava-se com o estremecimento da outra, e os corpos chocavam-se até magoar.

E quando o vento parava, por uns instantes, como a querer tomar novas forças, para arremetter de novo, a uivar, a saltar, a ulular, como uma lucta de selvagens e de feras, escutavam e ouviam os corações bater, e os dentes num tiritar constante.

Cançado da jornada o visitante, mal mãe e filha sahiram, começou a despir-se e a pensar na aventura extranha que lhe succedia.

Novo ainda, arruinára uma grande casa herdada, nas côrtes extrangeiras onde governos benevolos o tinham passeado como secretario de legação.

Sem nada para vender, repugnando-lhe a vida de expedientes a que fatalmente se havia de entregar em Lisboa, valeu-se d'uma esquecida formatura em Direito e d'um mais esquecido concurso e fizera-se nomear delegado, numa terra socegada longe de estações de caminhos de ferro, sem monumentos que attrahissem touristes e archeologos, terra boa, onde a sua vida adormeceria e esse fatal espirito irrequieto, se assentaria na modorra de provincia, como uma estatua sobre o soclo.

Tinham-lhe indicado aquella casa, em que moravam as donas, mãe e filha, suas parentas ainda, fidalgas arruinadas, pela paixão do jogo do marido que passava as noites, em Lis-

boa, a combinar *martingales* que falhavam sempre, e que elle imaginára doces e boas provincianas, gordas e calmas, apenas, talvez, nos olhos da mãe, furtivamente, a amargura de passadas grandezas, e viera encontrar duas nevroses que se arcobotavam, a sustentar duas chimeras.

Sempre a complicação, o exotico, o morbido a perseguil-o!

Abriu a mala. Espalhou pelos quartos, por cima das exiguas cadeiras de palha, roupas; objectos de toilette pelas grandes commodas de carvalho vermolidas, onde jarras de vidro choravam tristemente, eternamente, nas poeirentas rosas de papel encarnado.

Mas os olhos da filha, os olhos da Helena - sim, tinha ideia que a tinham assim chamado - dois grandes olhos pretos, como dois grandes mares negros de maguas - olhos-deuses, olhos d'anjos cahidos, appareciam deante dos seus. Tirou da mala um volume, ao acaso, antes ao se deitar. «L'art bysantin». E mettendo-se nos lençoes de linho, cheirando a *reseda*, abriu-o e deparou com uma gravura, reproducção d'um triptico em cujo fundo, uma Virgem abençoava. E no afilamento da face magra, na posição rigida, reconheceu Helena. E os olhos d'ella cantavam na gravura, o mesmo canto desolado, as mesmas maguas e as mesmas desillusões.

E d'ahi a pouco, quando apagou a luz, fatigado, já quasi a dormir, viu vergar-se para elle o mesmo busto rigido e magro, quasi sem peitos, como os d'um ephebo, alargando-se pouco a curva divina das ancas, e os mesmos olhos choravam amarguras, mas uma luz brilhou no fundo da lagrima, alguma coisa de tenebroso e voluptuoso...

CAPITULO II

Ás nove da manhã alguem bateu á porta. Estevam accordou extremunhado, a esfregar muito os olhos na escuridão do quarto, julgando-se ainda em Lisboa, mas extranhando aquelle modo secco, brusco de o accordar.

—Ah! E' verdade! Estou delegado. E sorriu-se tristemente.

—Quem está ahi?

Ninguem lhe respondeu. Apenas uma mão raspou repetidas vezes na porta.

— Parece casa de bruxedos. Alguma alma do outro mundo deve ter aqui escolhido domicilio, se ellas duas e seus servos, não são verdadeiras aventesmas, cogitou. Levantou-se.

Ao abrir a janella, recuou, e fechou instinctivamente os olhos, deante do sol brusco com que amanhecera o dia, depois da noite porcellosa. Por entre as ramadas dos eucalyptos altos, que quasi batiam na vidraça, esvoaçavam passaros, chilreando. Pela estrada, que corria adeante do parque passavam alimarias com os alforges cheios, e os pregões voavam alto, em sons como que inarticulados.

Havia uma festa no ar que parecia lavado; e perto, os montes vestidos de relva, que descia desde o cume onde um moinho estendia como azas brancas as suas quatro velas, esses montes dir-se-iam vistos atravez d'um crystal purissimo, tal a pureza da atmosphera. Tudo sorria. E a propria agua, que galgava um açude na ribeira, onde uma das altas muralhas assentava, não plangia, antes cantava, alegre.

Bem impressionado Estevam vestiu-se; e quando abriu a janella, ficou espantado com a prodigiosa altura da muralha, d'esse lado, e ainda mais dos grandes, finos e direitos eucalyptos, veteranos que já tinham, trinta annos antes, enxugado as aguas pantanosas do parque, e que agora accolhiam a passarada nova, que cantava, esvoaçava, alacre.

Depois lembrou-se da mãe e da filha, d'aquelle extranho modo de o receber, sem uma palavra, esguias, angulosas, mudas, os olhos abertos extraordinariamente, num terror bizarro, olhos seccos, brilhantes; os de Helena, com um facho de volupia a illuminar, e os da mãe, avivados pelo terror, que brilhava tambem nos cristaes da luneta d'aros de oiro.

—Extranho! Extranho! Depois lembrou-se outra vez, d'aquella Virgem bysantina, com quem se parecia Helena, immovel no seu pannejamento rigido, que fazia dobras nitidas, como

de madeira, e nella viu o mesmo fulgor dos olhos da filha, olhos-estrellas, olhos d'anjo cahido, onde soluçavam amarguras e adejava, sinistra, de brocatel e chammas, a Luxuria.

—A provincia, pensou, ainda não entrou commigo, que estou a imaginar requintes. Tambem, que ideia a minha, trazer á mistura com codigos por abrir, o velho Kast. Emfim, sempre me servirá, como um haschisch redemptor, contra esta fadigosa vida a que o destino me entregou.

Quando chegou á salla de jantar, já lá estavam D. Olympia e Helena, de pé junto á meza, que uma toalha branca cobria, a brilhar o chrystal dos copos e os lavrados pratos archaicos; no centro um grande ramo.

—Que tempo leva a vestir-se, primo! sorriu Helena ao cumprimental-o. Quando passei pelo corredor, ha uma hora, ouvi a agua chapinhar.

Helena reparou na gravata feita com pericia, no bigode riçado, e, num agitar de mãos, como as unhas eram côr de rosa e bem talhadas.

Durante o almoço D. Olympia explicou-lhe o insolito recebimento da vespera, aquelle medo que dellas se apossara e as prendera num absoluto mutismo, numa grande inercia de vontade.

—Que desculpasse o primo, não as imaginasse umas selvagens, e principalmente para com um parente, concluiu D. Olympia.

Helena toda se ruborisava, na confissão alongada d'aquelle medo, e os seus grandes olhos pretos, que duas sobrancelhas finas emolduravam, cahiam sobre as mãos postas no regaço, mãos finas e magras, como as da bysantina, que servira de modelo ao Pintor.

—Que não reparara, explicava Estevam. E para acalmar, confessou que elle mesmo ficára tolhido de medo dentro do trem e se apegára a Santa Barbara, pelo caminho, que fizera aos solavancos, nunca sentado, mas aos empurrões, ora batendo nos vidros, em risco de os partir, ora indo bater com a cabeça na maleta, nunca socegado, emfim.

E se dormira bem, não extranhára a cama, perguntou Helena.

—Que sim, que adormecera quasi logo, pensando em Helena, porque abrira um livro e numa gravura apparecera-lhe a figura de Helena em trages antigos. E cheio de somno como estava, até viu, no papel, brilhar o mesmo olhar escuro e doce, que era como rosas negras, sahindo dos seus olhos.

Enleada, a sorrir-se, agradeceu o cumprimento e pediu que lh'o deixasse ver. Que agora não, cortou Helena a um gesto de Estevam; ao voltar do Tribunal, ou á noite, ou outro dia. Que não tinha pressa de ver a sua irmã bysantina. Não havia de ser formosura que merecesse a pena ver...

E os seus dois olhos pretos, cahiram sobre Estevam, como duas duchas de luz, de perfumes e de caricias.

*

Quando sahiu do Tribunal, Estevam vinha com o espirito baço, numa pesada tristeza a abafar-lhe o coração. Nem reparou na perspectiva que o valle estreito lhe offerecia, na ribeira ceminhando entre alas esguias de salgueiros, ribeira amortecida, barrenta, e no rio ao longe, como uma fita de prata desdobrada entre verduras de tojaes e no fundo o azulamento de sonho dos horisontes longinquos.

Se elle marcasse, como soiam os Romanos fazer, com pedras negras os dias infelizes, viria mergulhar uma no lodo de tristeza universal para ficar bem negra, bem retinta, a marcar esse dia nefasto, que se arrastara torpemente, entre autos que elle lia numa v[illegible] sonambulo, e mãos odiadas de escrivães, que lhe vinham trazer processos.

—Para quê?

—Para assignar...

—Para promover...

—Vem-lhe com vista...

—Uma reunião do conselho de familia e de interessados para os encabeçamentos...

Outros termos extranhos feriam-lhes o cerebro.

E todas essas figuras que elle vagamente entendia, dançavam na sua cabeça. E, salientando-se mais nitido de que nenhum outro, um homem, baixo, gordo, barbado, d'oculos

d'aros de tartaruga, a saliva a pratear a barba negra, rebuscava-lhe por sobre a meza:

—Uma execução, que eu trouxe ao seu antecessor... onde a terá mettido? Não foi distribuida, disse-me o sr. Contador...

E os processos dançavam deante d'elle, as mãos dos escrivães appareciam no ceo, agitando resmas de papel garatujado, lettra de codice antigo, lettra illegivel, calligraphias diversas, odientas, odiadas. O juiz tambem lhe fallava, numa voz guinchosa, grandes sobrancelhas brancas, violentando a phisionomia no angulo formado no nariz:

—O collega equivocou-se. Não é queixa. A pena é até seis mezes. O tratamento foi de oito dias. Veja o exame de sanidade. E uns dedos tortos, gordos, riscados de negro nas unhas, queimados do cigarro, fechavam manuscriptos.

Cambaleava já, ebrio, quando chegou á porta do Pateo da Torre; cahindo da parede, um ramo de larangeira doirava-se de laranjas.

Mais calmo, Miguel entrou e no topo da escada, de costas, no fundo da escada larga, aromatisado por flores em vasos, a figura de Helena, dobrada, que com um pequeno regador na mão rociava as flores,

—Prima, faz-se Deus e chove sobre as flores. Que lindas hão de ellas estar, para a primavera, tratadas por mãos de infanta. Flores d'oiro, flores de prata, hão de ellas ser, cuidadas por suas mãos.

Helena, córou, voltando-se de repente. E os grandes olhos negros, outra vez cantaram, não amarguras, mas um canto tenebroso, onde a luxuria agitava um facho d'incendio. E as longas, recurvas pestanas negras, abateram-se sobre a palpebra, repetidas vezes, vagarosamente.

—Em alguma coisa me hei de entreter. Apezar da chuva d'hontem, como o dia está cheio de sol, quiz vir regal-as. Se soubesse o medo que tenho que ellas sequem! São as minhas companheiras, e quando estão floridas, quando abertas, quasi a fanar, levo-as para as jarras, como se fossem doentes para um hospital; combino-as, faço ramos lindos, que enchem o

meu quarto, que espalho por todas as sallas. E acaricio-as, beijo-as e como-as mesmo. Como são lindos os ramos feitos de flores quasi a fanar, flores tristes como as velhas, que perderam a mocidade em bailes e quedam-se pensando no antigo tempo. Verá! Verá, como faço lindo ramos...

Estevam, olhava-a, todo embebido na voz fina que parecia voar nas palavras, como avesitas, muito pequenas, radiosas, que batessem azas obliquamente para o ceu.

Helena percebeu o encanto. E outra vez, os olhos-estrellas, olhos d'anjo cahido, lançaram sobre elle o velludo quente do seu olhar, que affagava como uma caricia e perturbava, como um ramo de gardenias.

—Trabalhou muito?

Como num terror, Estevam estremeceu. E lembrando-se da hallucinação de havia pouco, precipitadamente:

—Não me falle nisso, não, prima?! Seja boa. Falle-me nas flores, no ceo alagado de luz, mas não me recorde nunca o tribunal. Não calcula o que soffri hoje, mesmo depois de de lá ter saido. Quando a vi, senti como que uma cura, um apaziguamento de todos os meus nervos. Seja a minha enfermeira; em vez de me dar tizanas, dê-me o remedio da sua voz fallando de flores, d'aves e de si. Promette?

Houve como que um estremecimento — um pharol que rapido se apaga e se torna a accender — nos olhos de Helena. Tremeram-lhe as mãos e outra vez envolveu Estevam no seu olhar.

—Promette? insistiu Estevam.

—Pois sim, disse ella rindo, contrafeita; quando vier, fallar-lhe-hei de flores. Hei de compor um livro de botanica, troçou. E cada dia, sua familia.

Como visse uma grande tristeza nos olhos de Estevam, carinhosa, agarrando-lhe uma mão, segredou-lhe, com uma caricia voluptuosa e prohibida:

—Serei sua enfermeira.

(Continúa)

De *THOMAZO CANNIZZARO:*

IN PULVIS

Oh que noite negra, que invernia brava,

Oh que notte di tenebre, che invernale rigore,
alcuna stella in cielo ecco non splende più,
euro lontan col rantolo profondo di chi muore
piange come piangeva, dicono, per dolore
tutta la santa notte in cui spirò Gesù.

Giungono sanguinose grida di moribondi
dal sinistro orizzonte che invita a lagrimar,
or van lungo i deserti i lupi vagabondi
or la piena dei fiumi dai muggiti profondi
con un diluvio d'acqua adegua ai monti il mar.

Arde il castagno al piede di montane dimore
lampada ai poverelli che là vegliando stan
e intorno a quel gran fuoco che allieta e dá vigore
la vecchierella, il vecchio, il bruno agricoltore,
la moglie, i figliuoletti, il lor gattino e il can.

Arde il gigante, il rude centenario mortale
che gli astri non vedranno piú rimettere un fior
e del suo gran cadavere lo splendor sepolcrale
quasi in sudario cangia la capanna brumale
cui dentro ride un' anima in belle fiamme d'òr.

Pende al-collo del vecchio il suo bimbo soffrente
t'affretta, o morte nera, dal mio tetto a fuggir,
e nel lare le fiamme simultaneamente
dicono verso l'angelo — oro è qui tutto ardente,
dicono al vecchio — tutto va in cenere a finir.

Oh quante volte e quante ne l'albe radianti
piccolo essendo e allegro simile a un colibrì,
egli non aggrappossi ai rami verdeggianti
di questo bel castagno ch'egli tra pochi istanti
dovrà ridotto in cenere, veder distrutto quì!

Oh quante volte e quante gli danzó lieto intorno,
quante notti ai suoi rezzi lo vidi addormentar
nel tempo della messe quando più mesto é il giorno
e dai folti covoni ardenti come un forno
sentiansi della stoppia gli olezzi evaporar.

Oh come non portargli immensurato affetto,
come non farlo segno a un vero culto uman,
se gli largi la trave che quì sostiene il tetto,
se diede esso la cuna al nipotin diletto,
se gli diede il granajo dove si ammucchia il pan!

Il giogo, indi l'aratro con esso ho fabbricato,
le porte còntro i venti fieri del mezzodì,
costruito ho con esso il vecchio letto amato
dove per le sue nozze si sarebbe adagiato,
dove alfine morranno i suoi parenti un dì.

Ed il buon vecchio culla il bambino soffrente
—deh fuggi, o morte nera, segui, o caro a dormir,
e fissando le vampe simultaneamente
ride la creatura mirando l'oro ardente,
piange il vecchio mirando tutto in polve finir.

Prega la vecchierella contrita, infervorata
cosi vecchietta e bianca, bianca al par d'un gesmin.
ch'io la fingo ideale e di splendor bagnata
in barella di rose dagli angeli innalzata
tra verdi palme a Dio qual novo serafin.

Essa pei morti prega, prega la vergin pura,
fin da l'infanzia sua bella e felice allor,
qui da questa capanna come la notte oscura,
oh quanti son partiti già per la sepoltura,
oh quanti son rimasti dentro il suo caldo cor!

Dentro il cuore di lei, lugubre camposanto
molte anime rivivono che sognando spirar,
rivivon morte, mute in doloroso incanto
e negli occhi suoi vitrei si cristallizza il pianto,
sulle sue labbra il lume sembra fosforeggiàr.

Coteste anime fluide ch'ella nel sen riceve
—talisman della fede dal magico poter—
traggon dal lor sepolchro gelide come neve,
tutte nel letto amico traggon con passo lieve
intorno al fuoco ardente a piangere e a seder.

Tristi i poveri morti che non vecchiette sante
che lor faccian la luce non han, non han falò
rosai su le lor dure glebe non son, nè piante,
le loro strozze annuncchiansi l'una su l'altra oh quante
sangue ai vermini offrendo, fango alla croce—oibò!

Dove l'anime andarono di quelli disgraziati
morti ne l'abbandono e perchè Dio le fè?
Quando aquilon mugghiando i lor sogni ha turbati
forse nel bujo erranti quai cani abbandonati
andôr, branco perduto che ad ulular si diè.

E finamo per queste che nessuno conforta
chiama la vecchièrella, eccole a lei venir,
—venite o poverine —oh come euro le scorta!—
venite qui a sedervi, io vi aprirò la porta
di scal!arvi al mio lare, o figlie, ho gran desir!

Quella dagli occhi azzurri, soave pastorella,
lin da curar sul fuso essa intende a filar
il suo lino è brunetto e brunettina è anch'ella,
torcesi intanto il fuso, quando sarà donzella
avrà camice nuove per andare a sposar.

Cotesto fuso allegro a cui si attorce il lino
fu ramo verde in questo tronco che ardendo muor,
e diè corimbi bianchi come bianco ermellino
e costruì su quelli il nido l'uccellino
ed alli senza posa palpitaron di amor.

O come giri o fuso nei suoi ditini brevi
allegramente vispo e con si folle ardor,
che starai tu filando, qual corredo, che nevi?
son camice o sudarii nel lor tessuti lievi
nuzial letto o funebri lenzuola di dolor?

Sul suo scanno vetusto del vignaiuol silente
pensa al suo campicello o Gesù mio divin!
se l'uragano ingrossa, se l'invade il torrente,
come dovran le greggi sotto il gran Sirio ardente
pascersi di ginestre di nudo sasso alfin!

Piangono gli euri intorno — oh tristezza oh paura!
si ascoltan nella stalla i bovi ruminar,
che lamenti profondi salgon dalla Natura
e quanti mostri mutoli con lingua inerte e dura
contemplano la notte senza poter parlar!

Russando sotto il lume dormon la cuccia e il gatto
che sogni, misteriose anime avranno in cor?
in fosco dubbio quasi oscuramente astratto
d'essere stato tigre ancor sovviensi il gatto?...
d'essere stato jena il can ricorda ancor?...

Ecco spenta la brage, eccolo già converso
il gran castagno in cenere, in luce, in fumo van,
ma luce e fumo e cenere andrà tutto disperso
a riviver l'eterna vita de l'universo
enigmatico circolo, chiuso al linguaggio uman.

O sempre sempre fiamma, fumo, cenere oscura
morendo ad ogni istante quaggiù vivranno ognor,
nube che tuona, calice che bea l'anima pura
anima pietra, insetto, umanità, lordura
incomprensibil sempre sarà qui tutto ancor.

Ma le anime, ma le anime chi mai le avrà create?
qual la primiera fonte ond'elle venner su?
Indarno le pupille levo al ciel contristate
verso i begli occhi d'oro che le volte stellate
volgono dagli azzurri ai grani di quaggiù.

Indarno poi che gli astri dove il mio sogno ardito
abita, son pur essi sovrumani falò
che nella paurosa notte de l'infinito
effondon crepitando il lor santo e romito
lume e le verginali albe in cui Diò parlò.

Acciò diutorno a quelli si scaldassero i mondi
tremanti per gran freddo, gementi per dolor
miserabili mostri e ciechi vagabondi
infra gli eterni vortici senza fine profondi
nel lor vertiginoso e lagrimoso orror.

Ardon gli astri o i castani della verde foresta
ne l'infinito immenso o in breve casolar,
di questi due bracieri la stessa polve resta
atomi erranti, sogni vani, festuche in questa
incosciente calma di sterminato mar.

E il mondo e i mondi in giro nel sen de la Natura
o vecchi, al par di voi morrano alfin colà,
materia fredda e inerte, moli senza verdura
erreran ne la vaga inmmensità futura
cimitero di stelle che croci non avrà.

Dormiranno? —giammai! andranno eternamente
in circoli a seguire la vita universal
fluida nebulosa, fiamma vivida ardente,
fango, lo stesso fango qual sorse anticamente
e con lo stesso eterno dramma tra il bene e il mal!

Forme della Materia che invan va denudando
oh qual forza, qual anima non veduta in voi sta
chi lo sa mai? la morte che tutto va scrutando
ma solo ne le tenebre l'enimma rivelando
ch'ella ha sul labbro muto, la morte ai morti va.

Sol la morte lo intende, ma più lo sa scrutare
la fè che abbraccia e penetra tutto la sua virtù,
manchi la fede all'anima, manca la luce al lare
è la ragione un verme, ala è la fede e andare
tu puoi con essa o verme ai mondi di lassù!

O vecchierella santa, o mia soave amica,
recita il tuo rosario movi le labbra ancor
ingenua è la preghiera? vien la credenza antica?
oh non importa—prega tu, mia soave amica,
lingue son le preghiere onde a Dio parla il cor!

Mendichi vi son ciechi con ispirate fronti
che un astro hanno nell'anima di vision forier,
che valicano i fiumi, che costano a le fonti,
che vanno per silvestri e solitarii monti
senza sbagliar la via, senza giammai cader.

Lungo deserte selve sotto la neve e il vento
coi lor cenci e il bastone taciti e soli van
miracolosamente ne la tenebra a stento...
ditemi chi li guida, ditemi qual portento
occulto li dirige? quale invisibil man?

Dunque o vecchietta bianca quella tua fede pura
la tua preghiera antica che invita a lagrimar,
è simile a quei ciechi che nella notte oscura
uopo non han di stelle per discerner l'altura,
uopo non han degli occhi per volgersi e guardar.

Nel tacito infinito la semplice tua fede,
tremula vecchierella dal sorridente albor,
andar ti veggo, andare sopra sospeso piede
sui deserti di umana tenebra in cui si vede
vastità di spavento, immensità di orror.

E dove il genio e l'aquila dall'occhio trionfante
ha vertigini e soffii, vacilla e poi cadrà
la vecchierella debole, la vagabonda errante
con gli occhi ne le tenebre, a l'infinito innante
in un aereo slancio lieve e secura va.

Candida e piccolina tutta vivace e lieve
valica abissi, plage prive di lumicin,
inesplorate stelle che niun descriver deve
e lugubri deserti di silenzio e di neve
mùcchi di brace e turbini di stelle senza fin.

Cammina ognor, cammina infin che circondata
di mistica alleluja che ha di splender virtu
col bastoncello rustico che per via l'ha guidata,
picchia alle porte d'oro della stanza beata
presbiterio dell'anima dove abita Gesù.

Un angelo le schiude, la vecchierella avanza,
in adorazione i suoi ginocchi stan,
– vedi questo ricordo – l'angelo con istanza
dice — é una palma d'astri che splende di speranza
che l'umile vechietta porterà sempre in man.

Quale uccellin che al nido rieda presto e leggiero
pei suoi poveri nati l'alimento a recar,
eccolo ritornare per uguale sentiero
e a te porgere, o santa, color del diaspro vero,
l'offerta ambita tanto che Dio vuolti inviar.

Recita il tuo rosario, o santa lagrimosa
sui tuoi ginocchi lasciami poggiar la testa alfin
oh triste anima mia a qual dolor sei sposa
ungela di tue grazie, o man religiosa,
coi tuoi baci carezzala, o sguardo cristallin.

Sommessamente recita, o mia soave amica,
recita i tuoi rosarii, la tua prece ideal,
tu morta di miseria, tu morta di fatica
lascia che dorma e sogni in sua purezza antica,
per non più mai svegliarsi dal suo sonno immortal.

16 Aprile 1899.

(Da versão de *Os Simples* de G. Juuqueiro)

De *RAFAEL ALTAMIRA*:

Dia de campo

(De las Memorias de una recien-casada)

. . . . . .

Cuando me vi sola con él, en nuestro reservado de primera, no pude menos de lanzar un suspiro de satisfaccion. Digo que ibamos solos, y no es completamente cierto: venia tambien su madre, que habia asistido á la boda; pero su compañia no significaba gran cosa, porque á la media hora de camino se durmió con la mayor tranquilidad del mundo, como si yo no estuviera alli. ¡Dios se lo pague! La verdad es que su presencia me embarazaba un poco: cuando nos miraba alternativamente á su hijo y á mi, con aquellos ojillos dulces é insistentes que caracterizan su cara, yo concluia por ponerme roja como una ceresa.

Pues la buena señora oyo el suspiro.—Qué tienes? preguntó. No la contesté, naturalmente. ¿Como decirle que era un suspiro de satisfaccion con el cual se iba la ultima duda que la aparente formalidad de su señor hijo no habia conseguido arrancar de mi, hasta que me vi casada de veras? El me queria mucho, no lo niego ó á lo menos, asi lo decia; ¡pero, le costó tanto casar-se! Cinco años de noviargo! En fin, ya estaba hecho.

Al principio charlamos de cosas indiferentes, aunque yo bien veia la emoción que le embargaba, en el lijero tremblor de sus labios y el movimiento incesante de sus pies: dos cosas que he notado tantas veces!... En cuanto mamá se durmió, Ricardo se vino á mi lado. Yo estaba muy tranquila, es decir, mucho no; pero sin nada de esos temores que consideran las gentes como caracteristicos del dia de novios. Levabamos ya cinco años de vernos todos los dias, de estar juntos, de hablar por los codos y en intimidad perfecta. Porqué habia de

asustarme de verlo á mi lado? Se estrechó contra mi y yo no supe impedirlo. En justicia, debo decir que fué muy juicioso. Despues de mucho vacilar, sólo me dió un beso, muy largo, muy largo y muy callado, para que no se despertase mamá. Debi de ponerme muy colorada, pero tampoco tuve medo. ¡Ay, Dios mio! Si he de ser franca, diré que no era este el primero; que antes me habia ya robado otros... Estuvo mal hecho? Mamá decia que si; pero mamá no estaba enamorada de Ricardo...

Dejemos esto. Mi intencion era recordar otra cosa que no olvidaré nunca: nuestro primer dia de campo.

A las cinco y media de la madrugada llegamos á nuestro destino, un puertecito precioso del Mediterraneo cerca del cual tiene Ricardo una quinta de recreo. Mi marido – ¡ya puedo llamarlo así!—se habia empeñado en que pasaramos en ella los primeros dias de matrimonio. A mi tambien me halagaba la idea, sobre todo por huir de la gente que ¡valga-me Dios! es tan fastidiosa!... No sé qué les hubiera hecho á mis primas cuando vinieron á despedirme. Estaban tan cargantes con sus sonrisitas, sus medias palabras!... La mamá tambien me dijo no sé qué cosas raras que no entendí bien, pero que me impresionaron mal.

Vuelvo á mi asunto. Atravesamos las calles del poeblo, aún iluminadas por las luces de gas, en un mal cochecillo que se balanceaba mucho. En casa de Ricardo descansamos un poco y nos desayunamos. El se empeñó en que durmiese yo algo, retrasando unas horas la salida a la Huerta; pero no quise. Qué diria su madre! Era demasiada confianza, tan pronto. Además, lo que la buena señora necesitaba era que la dejasemos tranquila. ¡A ella sí que le hacia falta dormir!... Y qué feos me parecieron los mobles de aquella casa!

Por fin, à las ocho, en marcha. Iba con nosotros tan solo una criada vieja, qué habia visto nacer á Ricardo. El la hizo montar afuera, con el cochero, y nosotros dos quedamos en el interior —«Con tal que Ricardo no haya tonterias y me ponga colorada...» pensé.

En Octubre, todavia hace calor en aquellas tierras: al

menos, yo lo senti bastante en el camino, quizá por el ardor que dá una noche de insomnia en el tren. Ricardo, sentado junto à mí, me llamaba la atención hacia todos los accidentes notables del camino, y de vez en cuando, me cojia una mano y me la apretaba mucho, mucho; pero, hay que hacerle justicia, no pasò de ahi, sin duda para que yo no me sofocase ó para que no se enterase el cochero... Enfin, porque el diablo no se ria de la mentira, confesaré que una vez, solo una, me besó, pero fué en la mejilla y muy rapidamente. Asi y todo, le pagué con un codazo fuerte y me puse colorada hasta la raiz de los cabellos.

Llegamos á la casa antes de las diez. No hice mas que quitarme el sombrero y nos fuimos á recorrer el campo, muy armada yo de sombrilla, por supuesto. Como la casa está edificada sobre una altura y muy cerca del mar, corria por allí un vientecillo Levante muy agradable. Los caseros, tan viejos como la criada, nos hicieron los honores del jardin, que es pequeño pero muy bonito con su cenador cubierto de jazmin y hiedra y sus macisos de claveles y heliotropo y una calle de rosales. Al final hay un emparrado magnifico. Los racimos maduros, dorados los unos, negros los otros, calgaban de lo alto y parecian decir «comedme». Si yo hubiera estado sola!... Pero me dió verguenza pedir nada delante de extraños y á Ricardo ni aún se le ocurrió ofrecerme um grano de uva. Sin duda el matrimonio hace decrecer la galanteria de los hombres.

Luego fuimos á ver el olivar y la pinada, pero sin acompañantes. Ricardo envió á la casera por pan tierno á la aldea, que dista un kilometro, y al casero le dijo no sé qué, de seguro un pretexto, para que se fuera.

Echamos campo à travieso. En unos lados habia pares de mulas arando la tierra, en otros grupos de hombres cavando el rastrojo. Cuando pasábamos cerca nos saludaban todos y yo les conocia que se les pasaba gran gana de pararnos y de charlar con el señorito, para, de paso, ver bien á «la señorita». ¡Ya sé yo como las gastan los labradores! Pero Ricardo parecia tener menos ganas que yo de compañia y no se detuvo ni una vez.

—Ya nos veremos, tio Fulano.

Y seguia adelante, dandome un empujoncito en la espalda.

El olivar es muy grande y está bien cuidado. Empiera en una hondonada, y va subiendo, subiendo por un cerro de pendiente suave, en la cima del cual hay pinos, muchos y muy espessos.

No sé por qué me dió la corazonada de no subir tan alto.

—Y vamos á ir allá arriba? pregunté á Ricardo, parandome de pronto.

—Por qué no?—dijo melosamente, mirandome y sonriéndose como él sabe que á mi me gusta. Es un sitio excelente, muy fresco. Se goza desde él de una vista preciósíssima. Verás todo el mar, hasta el cabo de San Antonio, las Baleares... en fin, muchas cosas.

Estoy segura de que mentia. No podian verse desde allí tantas leguas; pero asi y todo, flaqueé un momento y estuve á punto de ceder. Pero la corazonada apretó más fuerte y me rehice. ¿Quieren Vds. que diga toda la verdad? Pues tenia miédo... De mi marido? Si, señores, de mi marido.

De seguro me echarán Vds. en cara, ahora que esto era una inconsecuencia. Cuando ibamos en el tren no tuve miedo de Ricardo, y aún me parecia muy natural no tenerlo por tales y cuales razones que expresé en su lugar oportuno. Bueno, verdad es; pero, distingamos. En el tren no ibamos enteramente solos, ni habia pinos, ni soledades... ni labradores que miran desde lejos y todo lo ven... Sobre todo, ¿que quieren Vds. que yo le haga, si entonces me parecian las cosas de otro modo y me venian á la memoria aquellas advertencias raras de mi madre que antes dije? Además, ustedes no se hacen cargo de que los nervios no están lo mismo antes de emprender el viaje que despues de una noche pasada en vela casi toda. Pero si continuo dando esplicaciones no voy á contar lo que sucedió luego.

Cuando Ricardo se convenció de que no valian coplas—sé tener energia cuando llega el caso y nada más enérgico que el miedo—propuso Ricardo que nos volviesemos á la casa.

Eso sí. Para endulzarle la derrota, me cojí de su brazo, y

hasta me dejé caer un poco. El me lo agradeció con una mirada tan tierna, tan tierna, que me dió ganas de reir.

No sé porqué han de parecerme ridiculos los hombres cuando se enternecen; pero asi es, y no puedo remediarlo.

Llegamos á la casa. Benita, la criada vieja de mi marido, nos esperaba impaciente delante del jardin.

—Han dado las doce, señorito, y echo el arroz?—preguntó.

—Sin duda—dijo Ricardo. Está puesta la mesa?

—Muy poco falta.

Renqueando algo, la pobre vieja,—ejemplar simpático de aquellas criadas fieles, apegadas á los amos, que ya se van perdiendo como cosa antigua y fuera de moda,—volviose á su cocina, que está en el piso alto, junto al comedor.

Ricardo y yo subimos tambien.

Ahora que me veia bajo techado, lejos de aquellos pinos tan espessos tan misteriosos, habia recobrado la confianza y el buen humor. Comencé á bromear con Ricardo, le empujé sobre la baranda de la escalera y hasta me permiti pegarle en un hombro. El se reia, se reia con aquel aire bonachon que Dios le ha dado y que transfigura completamente su cara, de ordinario tan seria y grave. Conforme hablávamos, iba yo animándome, animándome, cada vez más tranquila, más alegre, capaz de mayores atrevimentos. Cuando quise reponerme noté que ya no me era posible. Se habia apoderado de mi una de esas explosiones de contento, de travesura, de «chiquilleria», como yo les digo, que me cojen á veces y me convierten en una criatura sin juicio, pero con tan buen humor que nadie puede estar serio á mi lado. Asi que se me pasan esos arrebatos me dá rabia haber cedido á ellos; pero cuando vienem de veras, no hay medio de huirles el bulto. ¡Cosas de los nervios! Y aquel dia, no me faltaban razones: la noche casi en vela, los dos viajes, el casorio, mi marido, el campo .. Ia creo que he dicho esto otra vez; pero lo cierto es que entré en el comedor, riendo y brincando como uma tonta. Todo me hacia gracia, en todo hallaba motivo de burla y de jubilo.

El comedor es grande, con ventanas é Norte y Sur, pero

tan destartalado, ¡ Dios mio ! En los buenos tiempos de la familia, cuando vivian el padre de Ricardo, sus tios, tias, hermanas, etc. etc, aquella quinta era un paraiso, y una grillera tambien, probablemente. Reuníase alli toda la parentela, desde Mayo á Octubre; y como la casa es grande, todos se acomodaban. No faltaba nada de cuanto era menester. Cada cual habia ido enviando, poco á poco, los muebles más antiguos ó menos presentables de su respectiva casa de la ciudad; y el mobiliario era completisimo, aunque heterogéneo, desparejado y lleno de faltas. En el campo todo sirve y todo se disimula. Pero aquellos tiempos pasaron; la parentela disminuyó, envejecío, fué dispersandose. Murieron unos, imposibilitáronse otros, mudaron de residencia los menos. Quedó en la capital unicamente, en disposicion de moverse y hacer viajes, la madre de Ricardo, viuda, anciana, llena de pesares. Durante los años de estudios de mi marido en Madrid pasábanse muchos veranos sin ir al campo. Descuidose la casa, regaláronse y se rompieron muebles, se trasladó vajilla y colchones á la ciudad...

Bien se conocia la decadencia !

El comedor, que como dije es grande, no tenia más que un armario de dos cuerpos, el segundo acristalado, que servia de aparador, una mesa de caoba, antigua, y media docena de sillas no todas iguales. Notabase que Benita habia procurado barrer y quitar el polvo, pero aun quedaba no poco; y el techo, altissimo, adornaba las vigas más de un feston de tela de araña.

Ricardo no veia nada de esto. Para él, aquella casa, nido de recuerdos infantiles, era la suma perfeccion. Además, entonces, le faltaba tiempo para mirarme á mi; y yo, no hallaba en todas aquellas vejeces y descuidos más que asunto para broma... Recorrimos las habitaciones, que olian á humedad. A mi siempre me ha molestado ese olor; pues bien, entonces me parecia, hasta agradable, como sello augusto de la casa solariega... de mi marido. La variedad de muebles era constante. En la sala habia una consola estylo Imperio, muy bonita, con los dorados ennegrecidos por el tiempo, y un piano

de menos edad, sin duda. Lo abri, me senté en el taburete y toqué lo que se me vino á la memoria. Qué sé yo? Polkas, valses, trozos de sonatas, temas de Wagner... ¡Cuando me dá la locurita! Toda aquella zambra se acabó en cuanto Benita nos llamó á la mesa.

Fuimos allá. Dios bendito! Ricardo se quedó helado al ver la disposicion de la mesa. Platos habia, hasta seis, y dos copas, aunque desiguales, para agua; ¡para el vino solo había una, ¡como la señora no bebia! y los cubiertos tenian cuchillos con mango de madera. En el centro, la gran cazuela, llena de arroz con polo, humeaba; pero ¡ay! no habia cucharón para servirse. Yo tambien me quedé parada ante aquel pobrissimo atavio; pero enseguida, viendo á Ricardo que permanecia callado, con gesto de disgusto y de sorpresa, me dió risa, estallé en carcajadas, hallando tambien en aquel lance motivo para broma.

Benita respiró un poco al vir mi risa y comenzó á darnos esplicaciones:

—Perdonen los señoritos... Ha sido un olvido mio. Ya me dijo la señora: «Llévate cubiertos y vasos y platos»... Aquí ya no queda nada, nada... Como el señorito apenas venia y la señora menos... Antes era otra cosa... La señorita disimulará, y no es eso?

¡Vaya qué disimulaba la señorita! Lo que ella tenia era un hambre atroz y una alegria atroz tambien de verse alli, sola con su marido, haciendo su primera comida de casada, inaugurando la nueva vida, llena, á su parecer, de misterios y sorpresas.

Acometimos el arroz con gran furia, y jámás en mi vida he comido con más gusto y ansia. El vino lo bebiamos en la unica copa disponible; y ¿qué he de decir? sentia yo una extraña delicia en poner mis labios en el mismo punto en que Ricardo los ponia, deteniendome un momento antes de beber, como saboreando aquella sensación.

Con el vinillo aquél, tan espeso y obscuro, ¡claro es! aumentó mi alegria. Así que, cuando concluido de comer el ar-

roz, salieron á plaza huevos con tomate, que á mi no me gustan, los acoji con nueva carcajada.

Ricardo volvió á disgustarse.

—Porqué has hecho esto?... No le gustan á la señorita... Habeme avisado.

—No lo sabia, no lo sabia—contestaba Benita, en el colmo del apuro.

Traté de calmarlos, de distraerlos.

—Comeré cualquiér otra cosa, una chuleta.

Benita me miró con aire desolado, abriendo mucho los ojos.

—Que no hay chuletas? exclamó mi marido. Pero ¿qué manera de preparar las comidas tienes? ¿Cómo no has previsto esas cosas?

La pobre vieja aturdida, no sabia qué contestar; pero mi buen humor lo venció todo.

—¡Gruñón, mala persona, fastidioso! Deja á Benita, ¿qué culpa tiene ella? Eso usted, señor marido, á V. como hombre galante tocaba pensar en las necesidades, en los caprichos, en los gustos de su mujercita.

Y le di una palmada fuerte, todo lo fuerte que pude en un brazo. Enseguida me levanté.

—No tengo más ganas—dije.

Se acabó la comida.

—Eso no puede ser—contesto Ricardo. No has comido apenas.

—Te parecerá á ti. Estoy hinchada de arroz y vino, y no tengo mas ganas.

Y decia verdad. De lo que yo tenia ganas en aquel momento era de correr, de saltar con Ricardo, de cojerlo, de darle pellizcos... y de que me cujése el y me apretase un poco, asi como lo habia hecho en el tren.

Poniendole las manos sobre los hombros y mirándole muy fijamente, le dije, aparentando seriedad:

—Quiéres tú complacerme?

—Pues no, que no.

—Entonces vámonos al jardin, bajo de la parra. Me apetece comer uva.

Se echó él à reir. Me cojió del talle y, con gran estupefacción de Benita, salimos del comedor corriendo como dos chiguillos.

En un santiamén estuvimos en el emparrado che senté en el suelo, sobre la yerba remangando el vestido para que no se manchase, pero cuidando de que no se me viese mucho la enagua. Ricardo, con su cortaplumas, cortó un racimo; y empezamos à desgranarlo, el por un lado, yo por otro. Le ofrecí uno de los granos arrancados por mí y cuando se lo puse en la boca me besó los dedos.

Un escalorfrio me sacudió el cuerpo. Sin repetir la prueba seguí comiendo, comiendo ¿qué sé yo quanta uva comeria?... Luego sentí sueño. El sol, que caia à plomo y calentaba bastante; el chinido de las cigarras, el zumboneo de moscas y moscardones... todo me daba una modorra!

Ricardo habia dejado de cojer granos y me miraba mucho, acercandose á mi soavemente, con unos ojos! .. Cuando estuvo juntito à mi, tocandose las cabezas, alargó un brazo. Senti que me cojia la cara, que acercaba la suya...

.....

De lo demás ya no me acuerdo; solo sé que, apesar de la falta de copas para el vino, de cubiertos de plata, de chuletas, de muebles cómodos, y apesar de nuestro primer proyecto de volver á la ciudad aquella noche, pasamos en el campo quince dias.

La mamá nos envió muchas cosas, cuando supo que nos quedabámos; pero á todo hicimos poco honor. La mesa llena de faltas del primer dia me habia parecido mejor que las del Palacio Real, y desde que fué asemejandose á la mesa de casa, tan ordenadita, tan metódica (digo, si es metódica mi madre para la mesa) ya no me gustaba tanto, ni á Ricardo tampoco. Optamos bien pronto por comer bajo del emparrado y ¡ahi es nada el consumo de uva que hicimos los dos!

Desde entonces la vid es mi planta favorita.

Transviado [1]

DE

Jayme de Magalhães Lima

Bem escripto, innegavelmente bem escripto, não é todavia pelos primores do estylo, que este romance consegue interessar-nos: não é; bem estudados e bem copiados, em regra, os typos, tambem não é ainda pela funda analyse psychologica que elle chega a impressionar-nos: tambem não; bem real, bem verdadeiro, bem vivo, o seu protogonista, com todas as suas duvidas e desfallencias, com todas as suas illusões e enthusiasmos, não tem todavia arrancos de paixão que nos forcem a tremer e a chorar com elle: não tem: e todavia este romance é um bom romance, bom a ponto de o lerem de fio a pavio, brandamente, mas egoistamente, e, pois, invencivelmente commovidos, ainda os de paladar mais apurado ou os de paladar mais derrancado — os dois grupos de leitores que mais se parecem na sua rebeldia a deixarem-se influenciar pelos auctores.

Donde lhe vem pois, o segredo do seu dominio?

Por mais d'uma vez me veio aos labios esta pregunta á medida que gostosamente, e anciosamente tambem, o ia lendo, eu que por dever d'officio leio tudo, mas que por gosto pouco do que por ahi se publica leio, não sei eu (ou me não convirá dizel-o...) se por se me ter apurado, se por se me ter derrancado o paladar, nas bachanaes — da leitura, entenda-se — a que me entreguei doidamente, ao tempo do meu noviciado em lettras.

Essa pregunta a mim proprio fiz, mais d'uma vez, como disse: e só uma resposta lhe achava.

Este romance *Transviado* interessa-nos, impressiona-nos, commove-nos, domina-nos — não pela linguagem nem pelo sentimento; não pela arte nem pelo enredo — o porque este

1) Romance illustrado, da *Empreza Editora* (T. da Queimada, Lisboa) preço 200 reis.

romance tudo isso obtem é, em meu juiso, unicamente, ou quasi que unicamente, pelo seu alto objectivo moral. Talvez instinctivamente, talvez propositadamente, o auctor do *Transviado*, o sr. dr. Jayme de Magalhães Lima — que é um devoto do Conde Leão Tolstoi, sobre cujas douctrinas publicou em tempos um opusculo muito apreciavel — pôz em pratica a theoria do Mestre: fez um romance moral que por isso mesmo é uma obra-d'arte, da arte futura, como a concebeu o auctor do *Qu'est-ce que l'Art?* onde se leem estas palavras que por sem duvida lhe serviram de norma: — «Le fond de l'art de l'avenir será constitué par des sentiments encourageant les hommes à s'unir, ou bien les unissant en effet; la forme de cet art sera telle qu'elle puisse être accessible à l'ensemble des hommes».

*
* *

A tessitura do romance — em parte ao menos, uma autobiographia? parece-o: mas é em grande parte, uma auto-psychologia, sem duvida — a tessitura do romance é tudo quanto ha de mais banal... e de mais tragico tambem: — a romagem d'um homem em demanda da felicidade que lhe ficou atraz, no ponto de partida, aonde regressa para a conhecer e se lhe gelarem o coração e os braços ao cingil-a com os braços de encontro ao coração.

Claudio, filho d'um lavrador da Beira e sobrinho d'um abbade do Mino, como quer que não revelasse nem vigor nem geito para a lavoira — está mesmo bom para abbade: dizia o pae — é mandado estudar para padre, como desejava o tio. Intelligente e applicado — se o rapaz assim continuasse, informava o padre Netto, dissera o abbade que melhor era mandal-o para a Universidade — em vez de padre, eil-o doutor; e rico; que o tio morrera no inverno immediato á sua entrada na Universidade, deixando-lhe tudo — uns bons quarenta contos de reis.

Formado e rico — que fazer?

Politica? — Não o tentava.

Estudo? — Sim; devia ser o estudo...

Mas deixava os livros para ir podar as roseiras.

Com a morte do pae, installado em casa sua, o problema avultava-lhe:

Que fazer?!

Irá viajar: verá; reflectirá; instruir-se-á.

E viaja: mas tomam-o breve saudades de Villalva: eil-o de volta.

E surge-lhe então o amor — o amor que já, quando collegial, lhe segredara a canção da felicidade nos labios da Conceição... — a tental-o na pessoa da D. Emilia, a mulher do escrivão Almeida.

Ah! mas não é ahi, não é ahi que está a felicidade: a posse d'essa mulher embriaga-o, é certo, uma temporada: mas feliz... como ha de esse amor fazel-o feliz, se é um amor criminoso, que precisa de se esconder, que o obriga a mentir a sua mãe?!

Um amor puro, um amor legitimo, sanccionado pela Egreja, o casamento, o casamento...

Porque não?!

E ahi lhe apparece Laura, a filha do D. Pedro, a sedusil-o com a esperança de encontrar paz para a sua alma—numa vida de dignidade, de trabalho, de elevação e de grandesa moral.

Porque as preoccupações d'ordem moral, que já quando creança o obsidiavam — aquelle temor do inferno, sobre que mais tarde, no collegio, o padre Neto fizera uma pratica que só elle, de todos os collegiaes, talvez comprehendera: aquella sua oração pela calada da noite, sob o luar, emquanto a mãe agonisava, confirmando-o na sua fé, ao vel-a, de volta a casa, salva como por milagre, certamente que por milagre — as preoccupações d'ordem moral eram agora toda a vida do seu espirito: ser feliz pela satisfação do dever cumprido, toda a sua esperança, o seu ultimo refugio, a taboa a que se agarrava, em gannas de desesperado, aquelle naufrago.

Mas a educação, superficial e artificial, da filha do fidalgo arruinado é que contrastava miserrimamente com o ideal que Claudio nella informara: e a *alta-vida,* em que, pelo seu casa-

mento, se vê irremissivelmente envolvido, era tudo quanto havia de mais contrario à vida alta que Claudio, pelo seu casamento, pensava poder realisar.

E, desobrigado, pela morte da mãe, de salvar sequer as apparencias, de fingir sequer a felicidade para lhe não amargurar o coração ingenuo e extremosissimo, Claudio foge á mulher e á sociedade e á vida para que não nascera e volta a Villalva d'onde um dia, creança ainda, partira a buscar riqueza e saber que tão cedo se converteriam em infortunio...

E é lá então que se lhe depara a mulher que pudera tornal-o feliz, inteiramente feliz, se elle se tivesse deixado ali ficar, se elle tivesse ficado ali um simples cavador como fôra seu pae.

E é essa mulher que lhe cerra os olhos, com o creado velho que fôra de sua mãe ajoelhado á beira da cama onde expirava ao attingir, ao abraçar—emfim! —tornada realidade, a visão de felicidade que pela vida o trouxera *transviado*...

*

* *

Neste livro que, se nos tivera vindo do Norte, teria agitado o publico e feito fallar a critica, nem tudo porem, a mim me parece egualmente merecedor de applauso. E no meu proposito de ser sincero, desde já aponto como inferior, por incompativel com a elevação intellectual e moral do protogonista, aquelle *Diario* que vae de pag. 144 a pag. 152, em que Claudio luctando entre o amor de Emilia a extinguir-se e o amor de Laura a despontar, mais nos parece um simples collegial a fazer os seus primeiros exercicios de composição litteraria. A annotar ainda: certas hesitações nos lineamentos do caracter de Claudio, como, por exemplo, aquellas torturas por ter mentido á mãe, a contrastarem com os seus propositos de seducção. Incoherencias que se dão por vezes ainda nos mais coherentes? E' certo: mas preferira que Claudio não cahisse nellas...

Agora, como observação, todos aquelles typos desde D. Emilia e marido até ao D. Pedro e esposa, são suberbos de

realidade; são — é o caso, ou nunca, de empregar, com justiça, a phrase feita — copiados do natural.

E como descriptivo, aquelle passeio a Lourosa e outros retalhos de paysagem, são simplesmente primorosos—de quem vê e sente, quer dizer, de quem vê e sabe ver a paysagem, para a qual nem todos, pelo contrario, muito poucos teem olhos de ver ..

E apesar de tudo isto ou por amor de tudo isto mesmo, este livro não é feito para a grande massa do publico; não é. E' um romance para ser lido por quem queira reflectir; não por quem queira unicamente distrahir-se...

D'ahi por ventura o ter elle passado parece-me que quasi despercebido do publico e da critica:—do publico para quem qualquer romancelho francez, traduzido em portuguez mascavado, é uma delicia; da critica para quem o maior mostrengo litterario é pretexto para reeditar pela milesima vez os adjectivos laudatorios que ficam já compostos na typographia d'uma vez para as outras, porque são empregados sempre.

Pois num paiz como o nosso, onde os poucos romancistas que temos parece terem quebrado a penna, applaudir com enthusiasmo um romance como o *Transviado* é não só um dever de consciencia, mas ainda um dever de conveniencia—como estimulo ao seu auctor para que trabalhe e nos dê breve outro como este ou melhor.

E' o que fazemos.

CARLOS DE LEMOS.

GALERIA FEMININA

TROVAS

Amor d'alma nunca esfria,
Por mais longe que se esteja;
Quanto mais longe, mais perto...
Mais se ama... mais se deseja...

Se estás longe, Bem-Amado,
Comtigo os meus sonhos vão;
—Estás tão longe da vista...
...Tão perto do coração...!

As nossas almas, unidas,
Andam p'lo ceo a voar,
—Castos lirios palpitando
Sobre as azas do luar.

Os lirios são brancas taças,
Encerrando a luz da lua;
A minh'alma é como um lirio,
Onde brilha a luz da tua.

MARIA VELLEDA

VIGILIA

A' senhora D. Beatriz Pinheiro,
em testemunho de sincera amizade.

A terra dorme: a vida dorme: só eu velo...
acompanha-me na vigilia, ó Sete-estrello!

O' Lua meiga, ó santa amiga de quem chora,
vela, vela comigo até que venha a aurora.

Estende caridosa o teu fulgido manto:
nas suas ondas quero enxugar o meu pranto.

Rouba-me a luz do olhar e lança-a lá do alto,
do teu azul engaste aonde o desejo exalto:

crystalisada em pranto, orvalhe a flor e o chão
e para as almas seja uma oscular unção!...

Se eu tivesse o poder da tua luz radiosa,
havia de tornar a Vida esplendorosa!...

Expandir-me-ia toda em parcellas, dispersa,
por sobre a terra em sombras tragicas submersa...

Beijaria no berço as meigas criancinhas;
e daria em seu lucto um riso ás andorinhas;

aos mendigos que a fome abate nas estradas
encheria o bornal com um pão d'alvoradas...

Ao vento que desfolha as arvores e as flores,
um laço ir-lhe-ia atar de luminosas côres;

das montanhas de crepe ao dorso escabujante
d'esp'ranças lançaria um manto verdejante...

Daria, no deserto, aos p'regrinos a palma;
a resignação e a fé aos enfermos da alma;

á aguia e ao rouxinol dar-lhes-ia um só ninho
que a borboleta ungisse em beijos de carinho!

Ao verme que rasteja, á flor que desabrocha,
ao elevado cedro, á enegrecida rocha

e ás almas que se vão por veredas escuras,
daria sentimento e fal-as-ia puras!...

Enxugaria o pranto a todas as paixões,
acarinhando e dando força aos corações.

Havia de tornar um paraiso a Vida,
de forma que até Deus quizesse aqui guarida!

O' Lua, ó santa amiga, a graça da tua luz
podia realisar o sonho de Jezus!

Mas eu comprehendo bem no teu flebil clarão
que te prende o temor da fria ingratidão...

.....
...Manda-me mais um beijo aos olhos orvalhados
e segue espaço alem pelos ceus desmaiados!

Villa Real, 9—1—900.

FLORENCIA PEREIRA DE MORAES

MONDEGO [1]

DE

Manoel da Silva Gayo

Poeta de raça, suberbo e inconfundivel poeta, este Manuel Gayo, nem só como poeta merecedor de altos creditos, que tambem como romancista e critico e dramaturgo: como poeta porem, superior a toda a fama, que não apenas á fama por elle obtida numa terra em que tão facil é tornar-se um homem afamado.

Alma de poeta, ingenua e enthusiasta, em plena mocidade exhuberante sempre, cada dia engrinaldada de novas flores e em cada nova primavera sua enlevando-nos alma e sentidos num enebriamento de sonho que é sempre o mesmo sonho e que nos parece sempre um sonho novo.

Porque não é só um ineffavel deleite espiritual que cada um dos seus livros nos causa: é amor tambem que nos inspiram; o amor, o grande amor, com que elle os sonha numa hora de saudade ou num momento d'esperança; e com que elle os traz, tempos esquecidos, por assim dizer incubados no coração; e com que elle, na maré opportuna, os vae deitando de lá de dentro, da alma, cá para fóra, para o papel — esse amor, esse grande e incomprehendido amor, quiçá communicando-se-nos a quantos temos ainda coração para amar qualquer coisa de superior ás mesquinhas materialidades d'este mundo e d'esta vida.

Começa a gente a lel-os e começa por amar o auctor: acaba a gente de lel-os e acaba por amar os livros.

Mas, se com qualquer dos seus livros anteriormente publicados — e não são elles já tão poucos: tres livros de versos; e outros tres de prosa: uma novella, um volume de critica e um drama — se com qualquer dos seus livros anteriormente publicados isto se sentia, isto sentiam os capazes de sentir coi-

1) Um elegante volume, edição da casa França Amado, preço 400 rs.

sas d'esta ordem, com este seu ultimo livro *Mondego*, certamente o melhor de todos elles e, em verso, incomparavelmente melhor, o caso avulta de maneira a não poder calal-o eu que tenho a soffrear-me os enthusiasmos a grande estima que me honro de consagrar-lhe e já de ha muito.

De resto, que eu sou um enthusiasta pelo Manoel Gayo sabem-o já quantos comigo pouco ou muito tenham convivido: e bem manifesto o viram os que leem, no largo artigo que a seu respeito, por occasião do *Na volta da India*, publiquei na *Mala da Europa*, onde me consolei de dar largas ao meu enthusiasmo, conservando-me, Deus louvado, dentro das raias da mais severa justiça.

Pois por muito que eu tenha dicto de bem a respeito do Manoel Gayo e da sua Obra, a grande verdade é que pouco ou nada disse para o que de bem dizer devera agora acerca do seu *Mondego* onde, por muito que queira encontrar um defeito, o não encontro - coisa que, ai de mim! tão raras veves me succede!

Esta primeira parte, então, este *Lemano* (poema a geito de écloga) é tudo o que ha de mais perfeito—um puro milagre de conversão da alma complexa e doentia e sceptica do nosso tempo á simplicidade, á saude e á crença da Alma-portugueza d'outros tempos que já vão longe, muito longe: como se a alma de Bernardim, transmigrada, viera agora no peito do Gayo, mais uma vez, e melhor ainda, suspirar amores e soluçar saudades.

Mas como não ser assim, se o poeta voltou a ser o que fôra: e, posta de lado a lyra em que nos cantava as Illusões do Mundo e as Ironias da Vida, nos voltou a dedilhar, na frauta que perdera ou que, de envergonhado, fora esconder —num canto de rocha brava—, as Canções do seu Mondego: do Mondego que, para elle, e creio que só para elle, se tornou, por um privilegio que elle de sobejo justifica em tempos a privilegios tão avêssos, fonte de Juvencus e fonte de Hypocrene ao mesmo tempo?

E o thema da Ecloga é, exactamente, esta conversão do Gayo.

Lemano, que, de tanto que casava os seus cantos com as vozes do valle onde pastoreava, nem quasi dizer podia

Se fôra elle quem primeiro
Os cantara, e á terra os dera,
Ou se, antes, de echo fizera
A's vozes do valle inteiro...

sedusido pelos novos cantares

De zagaes, que ao prado seu
Chegavam, d'outros logares...

troca a sua frauta por outra e eil-o agora de volta ao Mondego soltando extranhos cantares que

...porque de alheios, morrem
Mal d'essa frauta arrancados.

E saudoso do perdido prestigio, Lemano larga a frauta que não é sua e

Como se uma ave elle fôra
Tomar do escondido ninho,
Desencantou de mansinho
A ruda frauta de outr'ora.

E é nessa frauta então que elle nos canta os *Dias Correntes,* esse poema que eu classificara de genial, se o termo já, esse mesmo, não estivesse desacreditado de tanto e tão á tôa que eu o vejo por ahi empregado...

E' que para alguem na vida
Contar seu bem ou seu mal
Ha só a falla nascida
Na mesma terra natal
Dessa alma, alegre ou sentida.

Bem o prova, melhor do que todos os argumentos o prova este poema, ou melhor esta soberana *Arte Poetica*, que eu desejara ver lida e seguida por quantos amem e cantem

Neste paiz do Senhor
Onde se morre d'amor
E se moireja a cantar...

E a par com os conselhos mais salutares:

Nunca por fama levados
Busqueis os fructos gabados...

São todos os encantos do Mondego e terras da Beira que por essas estrophes desfilam numa feeria de evocações a rivalisarem com esta em que as moças da nossa terra ficam marcadas para a immortalidade:

Fazem seus rostos cuidar,
De lindos que Deus os fez,
Que ajuntam ao pennujar
Das fructas a amadurar
Lourejos de pão tremez.

E não me levem a mal as transcripções, que eu, por meu gosto, para aqui a copiara toda, se m'o consentira esta *Ave-Azul* que, por meu duplo mal, talvez os leitores achem grande de mais para ser lida e eu certamente acho pequena para elogiar devidamente o que digno de inteiro elogio uma ou outra vez se me depara.

E é depois a ultima estrophe como que um summario da segunda parte *Contos do Rio*:

Lindas historias contadas,
Onde ha salgueiros fallando,
Milagres de mãos sagradas,

E peitos d'amor penando...
.....

*
* *

E já agora d'esta segunda parte pouco direi: não porque m'o não mereça, mas porque outros livros me estão d'ali reclamando espaço que em fasciculos anteriores lhes tem faltado — por me ter faltado a mim.

Rosas Santas, que as *Novidades* transcreveram, é mais um milagre da Rainha-Santa que sobre as aridas areias do Mondego tysico fez um dia tombar uma abada de

Rosas que os campos encheram,
Rosas que o mar perfumaram.

Tristes amores, que os leitores da *Ave-Azul* já em tempos apreciaram num dos seus primeiros fasciculos, são os amores de Pedro e de Ignez...

Poeta-Cavalleiro,—onde ha uns suberbos tercettos e umas estancias em oitava rima que egualam, se não excedem, as celebradas, e justamente celebradas, Estancias ao Infante D. Henrique de M. Duarte d'Almeida — este *Poeta-Cavalleiro*, é Camões: e *O Louco*—onde a alta e suggestiva poesia do Sebastianismo, prejudicada em tempos num grosso poema antes de ver a luz muito elogiado, agora felizmente nos apparece exaltada numa nebulosa de sonho—este *Louco* é o Bandarra: e estes dois poemas são, finalmente, duas paginas da nossa Historia,

Onde o Porvir ao Passado,
Em desconto dos maus dias,
Promette famosos cantos;
Até que ás eras de prantos
Responda com prophecias.

Dei do que o *Mondego* seja uma apagada ideia. Resta-me acrescentar que Manoel Gayo tem já promptas ou quasi um volume de *Novas canções do Mondego*, e em preparação um volume de novellas, um drama, creio que um romance e uma obra *S. Frei Gil*, que, de tantas que sobre este curioso e tentador personagem annunciadas vejo, será por ventura, e muito o desejo, a primeira, senão a unica, a apparecer á luz da publicidade.

Viva Deus! que ainda ha quem trabalhe—por puro amor da Arte: e por amor da Arte pura tambem.

A Manoel Gayo, um abraço, com os meus applausos tão espontaneos e sinceros como calorosos e incondicionaes.

CARLOS DE LEMOS.

NOITES DE COIMBRA

Ao João Lucio.

Oh! noites de Coimbra, em que me envolve a alma
Um veu de sentimento, um vago romantismo...
Paira em torno de mim serenidade e calma,
Emquanto da janella eu fito a lua, e scismo.

E então a phantasia, a doida phantasia,
Põe no meu coração uma tristeza infinda,
E sinto que me punge extranha nostalgia
D'uma quadra ideal que eu não passei ainda.

Julgo-me transportado a noites mais amenas,
Em que me cinge e affaga o conforto do lar,
E tenho um peito amigo, a quem as minhas penas
Sem o menor receio eu posso confiar.

Noites só para amar, noites de serenatas,
Por que ás vezes anceio e que aborreço ás vezes...
Lá oiço agora mesmo, em guitarras baratas,
Notas sentimentaes de fados portuguezes.

Cabellos ao relento, alegres, descuidados,
Sem lhes lembrar sequer que existe o amanhã,
Alguns, p'ra quem a vida é o contraste dos fados,
Lá vão correndo atrás d'alguma gloria vã.

Lá vão, sonhando amor, ruas em fóra, a esmo,
Entoando canções que chegam até mim,
E fico-me a pensar, e pergunto a mim mesmo,
Porque é que eu tambem me não divirto assim.

E fito a lua ainda, arredondada e nédia...
Entretanto elles vão sem lhes importar nada;
E penso que ella é a estação intermédia
D'um duplo olhar p'ra lá—meu e da minha Amada.

Noites medievaes!... Na imaginação
Surgem lendas que ouvi de fadas e de moiras,
Fidalgos de espadim, de capa e de calção,
Sob as floreos balcões de namoradas loiras.

Noites a relembrar duellos de rivaes,
A que uma dama assiste impavida e serena,
Emquanto passam perto os aguazis reaes
E a luz d'um nicho cae, illuminando a scena.

E vê-se então brilhar, em fria convulsão,
Laminas de punhaes, numa rua soturna,
E, apenas vem o dia, um corpo sobre o chão
Mostra o tragico fim d'uma canção nocturna.

Oh! noites de Coimbra, em que me envolve a alma
Um veu de sentimento, um vago romantismo...
Paira em torno de mim serenidade e calma,
Mas eu... eu baixo o olhar cansado, e já não scismo.

J. Castanho

OLHAR INCENDIARIO

Brilham tanto os olhos teus
D'entre a neve do teu rosto,
Que só de olhar ficam reus
Do crime de fogo posto!

Trago dentro do peito uma fornalha ardente
E nella o coração ha annos a penar:
Fôgo atroz, sem egual, capaz de maguar
As chamas infernaes da Ira omnipotente!

Pois este horror que assombra e move certamente
A impassivel Dôr, nasceu de um só olhar
—Lindo, como ha só um, inveja do luar—
Que me accendeu no peito o fôgo, casualmente...

E ha annos já que eu soffro e cálo este tormento,
Sem Ella o suspeitar... Martyrio obstinado
Que, só de me lembrar, se torna mais violento!

E nunca o saberá! Mas se um dia, offuscado,
Eu lhe cair aos pés, num cego arroubamento,
Se me lança outro olhar, morrerei abrazado!

Coimbra—março de 1900.

DANIEL RODRIGUES

Religião do Sol

DE

Augusto de Castro

Religião do Sol: é verdade.

Nesta hora crepuscular que vamos atravessando por mal dos nossos peccados—nossos ou herdados, que o mesmo vale —nesta hora de luar e de saudade, em que todos, ou quasi, se genuflectam ante as estrellas longinquas e, de tão longinquas, apagadas, aqui nos surge um Novo, verdadeiramente novo, prégando, em bella prosa colorida e cantante, a Religião do Sol, do nosso bello sol peninsular, e celebrando, como um pagão, o culto salutar da Natureza, da natureza viva e vivificadora que, por nefanda ingratidão nossa, tão despsezada ou tão esquecida por ahi ainda, infelizmente.

Bella prosa, disse eu já: acrescento:—bella prosa e bella edição: por fóra e por dentro, um bello livro: uma bella estreia de que o auctor se não ha-de envergonhar nunca, bem pelo contrario, porque desde já o aponta como um dos poucos com quem temos a contar d'ora em deante.

O nome de Augusto de Castro, para os poucos que ainda passam os olhos pelas paginas das revistas do nosso paiz, já de ha tempos não era um nome desconhecido: mas este livro é, assim mesmo, muito superior ao que d'elle se pudera esperar, para já. E todavia, não foi porque gastasse noites e noites a burilal-o, a apural-o, a aperfeiçoal-o; não. A *Religião do Sol* foi escripto em dois mezes de ferias, na aldeia... Isto, que mais parecera, á primeira vista, condemnal-o ou sequer prejudical-o, foi afinal, ou é afinal, o segredo de todo o seu encanto.

Moço de talento robusto, educado na leitura do Eça, do Ramalho e sobretudo do Fialho—do Fialho de quem Augusto de Castro é fervoroso admirador—aquelle livro, ao contacto prestigioso da Natureza, brotou-lhe da alma enthusiasta e generosa todo vestido do sol que lh'o inspirara, todo

perfumado das rosas que lhe engrinaldam os vint'annos, plethorico de luz, de côr, de vida, de mocidade. Escripto ao correr da penna, mero ensaio talvez de prosa ligelra, bem lh'o fadaram as boas fadas, que, por assim despretencioso e despreoccupado, é que elie se nos apresenta assim cheio de vida e de talento, acredor das mais effusivas sympathias e dos applausos mais enthusiastas.

De resto, se é preciso etiquetar este livro, claro está que á eschola do Fialho—porque tem uma eschola este Fialho: e nessa eschola se filiam alguns dos moços de mais recursos intellectuaes da geração que cantará as alvoradas do proximo seculo—á eschola do Fialho pertence, não ha que ver. Simplesmente, certos desmandos da prosa do auctor das *Pasquinadas* e da *Vida Ironica,* torsionamentos de phrases e francesismos absurdos, que a gente a muito custo lhe perdôa em paga do muito que de bom nesses mesmos livros e sobre tudo em outros se nos depara, tudo isso que em regra é o que os pastichistas mais de prompto arremedam e conseguintemente exaggeram até ao ridiculo da caricatura, contra a minha receosa espectativa, não ha sombras d'isso nestas paginas: pelo que Augusto da Castro revelou, a par d'um grande talento, um excellente gosto litterario, o que é ainda mais raro que o grande talento, em tão verdes annos sobretudo.

Não quer isto dizer que este livro não tenha desfallecimentos aqui e alem: é certo que por vezes, á força de nos querer dar a imagem viva d'uma coisa vista ou sentida, a phrase se lhe arrasta á busca do termo justo ou da nota precisa, dando-nos ao cabo apenas uma impressão muito apagada, apenas uma sombra; raro porém, lhe não succede logo um repellão de enthusiasmo rubro em prosa faiscante, a fazer-nos esquecer a fraqueza d'um momento e bemdizel-a até como suggestionadora de tão felizes compensações.

Na carta de que se dignou acompanhar o exemplar que me offereceu, Augusto de Castro diz-me: —«Se entender que deve applaudir-me, applauda-me; se entender que mereço censuras, faça-m'as sem escrupulos e sem piedade.»

De proposito, cometto a indiscripção de transcrever este

periodo da sua carta, porque quero assim frisar que Augusto de Castro se não limita a ser um moço escriptor de muito talento; é tambem — e honra lhe seja por tal! — um homem de caracter honesto, honesto como o seu livro que, alem de bello, é honesto como os que mais o são.

E nestes dois adjectivos — bello e honesto — quero eu, já agora, que fique synthetisada a impressão que me deixou, após a leitura, este livro *Religião do Sol*, que não parece uma estreia nem tão pouco uma distracção de ferias na aldeia, tão corredio e vivo e impressionista é o seu estylo onde abundam qualidades que mingùam noutra estreia, no seu genero, — e excellente estreia tambem, apesar d'isso — de que já neste n.º me occupei — o *Transviado*.

Os meus applausos pois, e muito do coração.

E agora que o primeiro passo está dado — tem o caminho franco e atapetado de rosas: ávante, sim?

CARLOS DE LEMOS.

Emancipação da Mulher

No n.º anterior da *Ave-Azul*, alludindo á promessa de treplica, feita á madame *Ignota* pelo Ex.mo Redactor do *Mundo Catholico*, disse eu, fiado na informação dada por aquelle cavalheiro, que ficava «a cargo do Revd.º Padre Vacondeus, que faz parte da redacção da mesma revista».

Enganou-me por certo o sr. Pereira Pinto (Balsemão): e eu, por culpa d'elle, enganei os meus leitores...

D'isto me convenceu o ultimo n.º, ha pouco recebido, do *Mundo Catholico:* apresso-me pois, a pôr as coisas no que eu julgo a pura verdade: e é este o motivo unico por que volto á debatida questão.

Fiquem os meus leitores sabendo que o Revd.º Padre Vacondeus não existe: existe sim, um intrujãosóte, mausête e cobardête, que, para satisfação da sua maldadesinha e para descanço da sua cobardiasita, assigna com aquelle pseudonymo as baboseiras com que intruja a ingenuidade dos seus leitores.

—A prova?...

A prova está no artigo, *A proposito do feminismo*, por elle assignado.

Estejam descansados os meus leitores: não é em resposta ao meu artigo referente ao *Mundo Catholico* e carta de Madame *Rose* (?) ao Revd.º Sena Freitas; não é. Apesar de ter sahido o n.º anterior da *Ave-Azul* ha mais de tres semanas e de terem sido enviados á Redacção do *Mundo Catholico*, com o exemplar para a mesma, mais dois endereçados um a Madame *Rose* e outro ao Revd.º Sena Freitas, sobre esse artigo não vem nem uma palavra no n.º do *Mundo Catholico* que tenho á vista.

E aqui começa a maldadesinha do sychophanta.

Era preciso magoar-me, porque eu tambem não fôra amavel, apesar de ser justo, ou exactamente porque queria ser e fôra justo, para aquella revista e seus collaboradores.

Como havia de ser?

Encarregou-se o malandrête da tarefa...

E vae depois, como tivesse já rabiscado a parlenga, *A proposito do Feminismo*, foi e encaixou-lhe num ponto qualquer uma referencia...

A mim?

Qual?!...

A' directora d'esta revista!

E aqui começa a cobardiasinha do typo...

Porquanto referiu-se a ella e não a mim, exactamente porque, pelo *Post-scriptum* do meu artigo anterior, *Post-scriptum* escripto expressamente para a Redacção do *Mundo Catholico*, já elle sabia que ella lhe não retorquiria «arredada, como eu dizia que ella se conservava e queria conservar-se, de polemicas que em certo modo poderiam perturbar a serenidade por assim dizer quasi religiosa com que pretende tornar mais efficaz a sua propaganda».

Estão-no a ver, não é verdade?

—Ai! ella não responde?!... Então posso eu dizer d'ella o que me parecer!

E zás! disse...

E aqui começa a intrugice do malandrorio...

O que elle disse vão os leitores da *Ave-Azul* sabel-o: disse o seguinte:

«... emquanto a sr.ª D. Beatriz Pinheiro citar phrases a «proposito da geração artificial, á maneira d'ovos, como se o «genero humano fôra de gallinaceos, e nos fallar do encargo «da maternidade, *que pelos modos a illustre escriptora julga «detestavel*...

Ora ahi teem, como elle vingou a Redacção do *Mundo Catholico* e a Madame *Rose* (?) e o Revd.º Sena Freitas e *tutti-quanti* o malaventurado de mim, neste meu proposito de dizer verdades, se lembrou de refutar e de contrariar: ahi teem!

A phrase citada, ou antes, a ideia apontada era de Mr. Sully Prudhomme, num artigo *La Femme au XX.e siècle*, publicado na *Revue des Revues*, artigo que a ella lhe inspirou a sua primeira Chronica sobre a educação feminina ou sobre o feminismo, se assim o querem.

A' objecção, feita pelos que não admittem nem querem admittir a mulher equiparada ao homem – de que a mulher foi destinada pela natureza para a maternidade e para nada mais—a essa objecção respondia assim o illustre philosopho e illustre poeta que é tambem um fino humorista:

«Il est même possible, grace au progrès des sciences appli-«quées, que les différences sexuelles aient alors (au XX.e siè-«cle) perdu leur capitale importance *par la découverte de la «génération artificielle*...

Beatriz Pinheiro, formulando a dicta objecção, retorquia:

«Muito bem: d'accordo ainda.

«Sully Prudhomme diz que á vista dos assombrosos pro-«gressos da Industria é muito natural que para esse tempo já «se tenha resolvido o problema da geração artificial e, desse «modo, possa a mulher ser dispensada do pesado e doloroso «encargo da maternidade... Sully Prudhomme diz isto...

«Eu digo simplesmente em resposta ás objecções acima «formuladas:—E' bem? é mal? Depois se verá. E, se fôr «mal, d'esse excesso de mal resultará então o bem que é pa-«ra desejar.

E seguia mostrando como o homem, ao ver a mulher nobilitada pelo saber e emancipada pelo trabalho, se veria afinal attrahido para o casamento, de que agora foge pelo encargo que lhe traz de sustentar mulher e filhos...

Mas isso—e tudo o mais que Beatriz Pinheiro tem escripto sobre a educação, emancipação e nobilitação da Mulher nas tres Chronicas (umas vinte e tantas a trinta paginas) em que tractou do assumpto, – isso, não o viu ou não quiz ver o refalsado articulista: e, se o viu, para seu uso o guardou e do que viu se aproveitou manhosamente: porquanto o pouco de bom e de sensato que no artigo diz já Beatriz Pinheiro o dissera, como, por exemplo, as ideias expostas no periodo que começa: –«Dêem á mulher uma educação solida, etc...» ideias por ella desenvolvidas em duas das suas chronicas, a do n.º 8 e a do ultimo n.º da *Ave-Azul*.

Mas se era precisa uma desforra!...

Que aquella gente do *Mundo Catholico* tem a monomania das desforras...

Alguem ataca o Rev.º Senna Freitas ?

Vem logo Madame *Rose* tirar a desforra...

Alguem ataca o Homem ?

Vem logo o sr. Pereira Pinto tirar a desforra...

Mas Madame *Ignota* retruca ?

Vem logo o *soi-disant* Padre Vacondeus tirar a desforra...

E, como quer que eu me referisse ao *Mundo Catholico* dum modo pouco catholico ahi se nos sahiu elle a tirar ainda a desforra...

E' monomania ? ou não é monomania ? !...

E o caso é que d'essa monomania resultou a calumniosa referencia—referencia, que por calumniosa, e, alem de calumniosa, cobarde e propositadamente maldosa, não pode de modo algum ser d'um... sancto Deus! d'um ministro de Jesus-Christo, d'um ministro d'Aquelle que disse:—*Eu sou a verdade*—e que acrescentava: —Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração...

Não: Padre Vacondeus nem é *padre*, nem é *Vacondeus*: é um reles sychophanta que, por maldade, foi, muito propositadamente, escolher, para o ridicularisar e desprestigiar e profanar mesmo, um pseudonymo de tanta respeitabilidade e de tanta sanctidade!

Padre?!... se padres assim são...—arreda!

Vacondeus?!... se os que vão com Deus seguem por taes caminhos...

Mas tal hypothese até formulal-a só fôra impiedade!

Quem segue por taes caminhos, com quem vae é com o Diabo...

Cruzes, canhôto!

E para os que conhecem Beatriz Pinheiro superfluo fôra accentuar quanto ha de falso e rélesmente falso naquelle final das linhas transcriptas:—«... encargo da maternidade, que pelos modos a illustre *escriptora julga detestavel*»; para os que não a conheçam ahi ficam acima transcriptas as palavras de Beatriz Pinheiro.

Ella não acha detestavel o encargo da maternidade: classificou-o, sim, de *pesado e doloroso...*

As minhas leitoras que forem mães que digam se o encargo da maternidade é, ou não, pesado e bem pesado pelas responsabilidades, e doloroso e bem doloroso pelos soffrimentos phisicos e, ainda e mais, pelos soffrimentos moraes a que dá continuamente occasião...

Se é pesado e se é doloroso o encargo da maternidade sabeil-o só vós, oh mães: vós — e Deus!

Que Deus bem sabe que elle é pesado, pesadissimo, pois, segundo o *Genesis,* o destinou á Mulher como castigo: e bem sabe Deus que elle é doloroso, dolorosissimo, pois, segundo o *Genesis* ainda, Elle proprio quiz que o fosse: «Tu *em dor* parirás teus filhos...»

Avalial-o, avaliam-o alguns homens tambem: Michelet, Jules Simon e Pelletan, por exemplo...

Mas a creaturinha do *Mundo Catholico,* essa... nem o sabe nem o avalia: como havia elle de avalial-o, se elle é... o que é — um intrujãosóte, mausête e cobardête — e nada mais?!...

*
* *

Assentem pois, nisto os leitores da *Ave-Azul:* o Padre Vacondeus é um pseudonymo apenas.

Para desfazer esse equivoco em que eu proprio, fiado no sr. Pereira Pinto, os fiz cahir, é que voltei a escrever estas paginas.

Para isso: e só para isso.

São uma rectificação: de modo nenhum uma resposta ao *Mundo Catholico.*

Como resposta ao *Mundo Catholico,* não m'as deixara publicar a Directora d'esta revista que para todos os *Vácondeus* que venham zurrar-lhe aos ouvidos tem apenas, conforme os casos, ou piedade ou indifferença ou despreso. O *Vácondeus* do *Mundo Catholico* só despreso lhe inspira: — e a mim tambem.

O que ora faço—para não deixar os meus leitores em erro

—o que ora faço, fal-o-ia da mesma forma—ou mais desafogadamente ainda—(e os que bem me conheçam sabem-no bem) se, em vez de ser Beatriz Pinheiro, outra fosse a senhora a quem visasse o do *Mundo Catholico*.

CARLOS DE LEMOS

CARTEIRA DA AVE-AZUL

Agradecimentos:—Tantos e tão frequentes teem sido os testemunhos de sympathia recebidos pela *Ave-Azul* da Imprensa do paiz e do extrangeiro, que forçoso se nos torna abrir—e ainda bem!—por *agradecimentos* esta secção.

A todos os seus camaradas pois, que tão generosos para ella teem sido de palavras de louvor e de estimulo, se lhes confessa a *Ave-Azul* penhoradissima: e particularmente:

A' *Vanguarda*:—pela transcripção, e palavras de sympathia de que precedida, do nosso juiso sobre a excellente conferencia do sr. dr. Magalhães Lima, *A Paz e a guerra;*

A' *Provincia:*—pela larga e enthusiastica apreciação que fez do fasciculo anterior e transcripção de parte do artigo *Almeida Garrett;*

A' *Tarde* e ao *Conimbricense:*—pelas palavras de louvor com que ao mesmo fasciculo se referiram;

A' *Eros* de Messina e *Iride Mamertina* de Reggio Cal, assim como ao illustre escriptor Prof. sr. Antonino Mari:—pela primorosa versão que este fez e aquellas revistas publicaram da prosa *A' Espera* de Beatriz Pinheiro e *Tragedia lirica* do sr. Adolpho Portella;

e finalmente:

Ao *Mercure de France* e ao illustre poeta e nosso presado collaborador Mr Philéas Lebesgue:—pelas palavras que pedimos venia para transcrever do numero de março d'aquella magnifica e importantissima revista. São da Chronica sobre *Lettras Portuguezas,* onde Mr. Phileas Lebesgue, no seu generoso empenho de tornar conhecida a nossa litteratura, se occupa da influencia de Anthero de Quental e João de Deus sobre as novas gerações; de Guerra Junqueiro, Aff. Lopes Vieira, Trindade Coelho, Guilherme Gama, D. M. A. Vaz de Carvalho e D. Alice Moderno. E' aproposito d'esta illustre poetisa dos Açores que Mr. Ph. Lebesgue diz:

«Elle a déjà quelques émules: Albertina Paraiso, la poé-«tesse de *Mousses et Roses,* et surtout Beatriz Pinheiro, l'Ada «Negri du Portugal, l'épouse du poète Carlos de Lemos, qui «dirige avec elle à Vizeu la très curieuse revue au titre exquis, «*Ave-Azul.* J'ai retenue au hasard une deliciuese *Oraison,* di-«gne de João de Deus, la ballade des *Trois Cavaliers,* qu'on «dirait de folklore, *Psyché, Anhelia,* d'un souffle si délicieuse-«ment subjectif et panthéistique.

«L'*Ave-Azul* témoigne d'un très haut et très sincère effort «d'art, et les meilleurs écrivains de l'heure actuelle se rencon-«trent dans la *Salla de Visitas* qui leur y est ouverte. Ainsi «j'ai pu lire tour à tour des vers de Guedes Teixeira, très doux, «très berceurs (*No Lar*, pièce empruntée à son récent recueil «*Esperança Nossa*), de Manuel da Silva Gayo (*La chanson des «tristes amours*), des vers, des vers encore d'Eugenio de Cas-«tro, de Carlos de Mesquita, d'Affonso Lopes Vieira, de Del-«fim Guimarães, de Paulino d'Oliveira, etc. Quelque part il «est fait place aux poètes de Beira, terre féconde, patrie de «Thomaz Ribeiro, Silva Gayo, Guedes Teixeira, auxquels «bientôt il faudra joindre Antonio Corrêa d'Oliveira, l'auteur «délicat d'*Eiradas*, Alvaro d'Albuquerque e J. Agostinho de «Oliveira, le chantre de ces poèmes aux nobles promesses ly-«riques: *Résurrection, Le songe du Torrent, La Mort de «l'Oiselet*, trilogie dont le titre unique est *No lar do poeta*.

«De Carlos de Lemos, poète achevé, critique pénétrant, «il faut retenir *Georgica* et surtout *Estrella d'Alva*, suite de «sonnets d'une forme exquise, où persiste l'influence du maitre «Anthero de Quental. A citer également, dans le même re-«cueil, des proses de Henrique de Vasconcellos (*Vie et mort «de Sainte Affra, La Terreur de la Mort*), de Julio de Lemos «(*Dans l'alcôve d'Esther*), d'Adolpho Portella (*Tragédie lyri-«que*) de Severo Portella (d'un curieux extrait de *Terre d'é-«xil*), etc., etc.

Pelo que diz respeito a Beatriz Pinheiro e a mim, os agradecimentos de ambos: e de ambos ainda os agradecimennos, sobretudo, pela referencia aos nossos prestimosos collaboradores, porquanto nos fica assim a satisfação de termos contribuido para que sejam, os que não o são ainda, conhecidos e apreciados, em França, como merecem.

E a proposito: implicitamente fica feito o aviso aos nossos escriptores e editores:—Mr. Philéas Lebesgue (La Neuville-Vaut: Oise) occupa-se de Lettras Portuguezas no *Mercure de France:* muito aproveitarão, pois, todos, enviando-lhe as obras que uns publicarem e outros editorarem. Assim concorrerão para que lá fóra seja conhecida e avaliada, como de justiça, a nossa Litteratura hodierna.

* * *

Salla de Visitas: — Damos hoje na nossa *Salla de Visitas* os dois primeiros capitulos, na impossibilidade, por muito extensa, de a darmos toda d'uma vez, d'uma fina e encantadora novella, *A Torre*, do nosso amigo e exquisito prosador Henrique de Vasconcellos, a quem, como aos nossos leitores, pe-

dimos nos desculpem fragmentarmol-a. E a proposito vem dizer que Henrique de Vasconcellos tem em preparação um drama d'um alto espiritualismo, *Renuncia*, que está destinado, por todos os motivos, a provocar a maior e mais justificada sensação.

—Do magistral poeta da Sicilia sr. Thomazo Cannizzaro damos tambem a primorosa versão d'uma das composições do *Simples* de Junqueiro, o *In pulvis*: e em abono do que, num dos n.os anteriores, dissemos sobre o alto serviço prestado, com essa versão, á nossa litteratura, não faremos mais que reprodusir as palavras que De Gubernatis consagra ao nosso grande poeta, das quaes bem claro se infere quanto este é pouco e mal conhecido e avaliado lá fóra. Diz De Gubernatis no seu *Dictionnaire des écrivains du jour*:—«Guerra Junqueiro, poete portugais, né en 1850, est l'auteur de deux poèmes: *La mort de D. Juan* et *La mort de Jehova*, qui se signalent également par le talent et par l'impiété.»—Pois os que lá fóra pelo De Gubernatis o julgam um poeta talentoso e impio poderão agora conhecel-o como um poeto mystico e de genio...

—E finalmente do illustre Cathedratico da Universidade de Oviedo sr. D. Rafael Altamira, damos um excerpto do seu delicioso romance *Memorias d'uma recem-casada*, que certamente vae deixar ás nossas leitoras um vivo desejo de com a leitura da obra toda se deliciarem.

Ao sr. D. Rafael Altamira que, sobre ser um dos mais abalisados homens de lettras da visinha Hespanha, é tambem um admirador das nossas Boas-Lettras e um amigo de Portugal em todo o sentido,—os nossos agradecimentos.

E a elle, como ao sr. Th. Cannizzaro, pedimos desculpem algum erro typographico que, apesar de todo o nosso cuidado, tenha escapado,—impossivel, como era, pela distancia e consequente demora e atraso na typographia, serem-lhes mandadas as provas, como desejaramos.

* * *

Le Portugal à l'Exposition:—Recebemos o 1.º n.º d'esta curiosissima publicação, de que é redactor em chefe o illustre jornalista e poeta sr. Xavier de Carvalho. Recommendamol-a aos nossos leitores, na certeza de que lhes prestamos um bom serviço.

O primeiro numero, que temos á vista, traz bellas gravuras, entre as quaes os retratos de Mr. Alf. Ricard e do sr. Ressano Garcia, e excellentes artigos, d'entre os quaes destacamos uma suberba pagina consagrada ao Centenario de Cas-

tilho pelo illustre escriptor e nosso amigo Mr. Louis de Saran-d'Allard.

Entre os nomes de pintores portuguezes que mandaram trabalhos seus para a Exposição lá vimos o nome do illustre filho d'esta terra J. d'Almeida e Silva com os seus quadros, que tão bom exito obtiveram em Lisboa na Exposição do Gremio: — *Chez bon papa: Que ton nom soit béni!: Après le repas.* Fiamos que esse bom exito, porque foi justissimo, ha-de ser confirmado agora em Paris: são esses os nossos desejos.

* * *

La Constitution du Monde: — D'esta monumental obra philosophica de M.me Clémence Royer, a que já, muito perfunctoriamente, nos referimos na *Carteira* do n.º anterior, damos agora, por falta de espaço, na capa, a summula das materias, que precede o Indice, recebido incluso no ultimo fasciculo da magnifica revista *L'Humanité Nouvelle.* Por ella poderão avaliar os nossos leitores o que seja essa obra, da qual um illustre sabio disse já que não havia, mesmo em Paris, uma duzia d'homens capazes de a comprehenderem bem e bem lhe avaliarem todo o alcance: para ella chamamos pois, a attenção dos nossos leitores para poderem ajuisar até onde pode chegar a intelligencia da Mulher...

* * *

Pietro de Franciscis: — Acabamos de ler em jornaes e revistas da Italia que se acha doente, ha bastante tempo já, este illustre escriptor italiano, Director da excellente revista de Caserta *Esperia* a que, por mais d'uma vez, nos temos referido com palavras de justo elogio, e Redactor tambem da bella revista *La Gioventu,* da qual em fevereiro passado nos enviara alguns numeros, onde nos foi dado apreciar, entre outros escriptos de muito valor, alguns trabalhos de critica seus, interessantissimos, a que ainda nos referiremos um dia mais de espaço, porque o merecem. Será para quando — e fazemos fervorosos votos para que seja muito breve — recuperada a saude perdida, o nosso distincto camarada volte aos seus trabalhos e de novo nos visitem aquellas duas revistas, cuja publicação, pela doença d'elle, se acha, por agora, interrompida.

* * *

Errata: — Na bella poesia *Carnaval,* publicada no n.º anterior da *Ave-Azul,* do nervoso poeta e nosso presado amigo e collaborador dr. Sanches da Gama, sahiu um verso detur-

pado, do que lhe pedimos desculpa. O penultimo verso da penultima estrophe é

Que horrivel lucta

Aquella palavra *lucta,* foi uma lucta para sahir... E afinal venceu ella... ou os typographos por ella! Ficou! Pois aqui reproduzimos o verso tal qual elle é: e aos nossos leitores pedimos façam no texto a emenda.

* * *

Joaquim d'Araujo:—Acabamos de receber d'este nosso amigo o seu primoroso opusculo *Eleonora F. Pimentel* de que nos occuparemos no proximo n.º. Por agora os nossos agradecimentos.

* * *

—*Livros recebidos:*—Na impossibilidade, ainda, de darmos neste n.º *Registo Bibliographico*, apesar de já, por necessidade de dar entrada a outros escriptos, termos retirado os *Serões Posthumos*, limitamo-nos a registar, aqui mesmo, a recepção das obras, ultimamente recebidas, que muito agradecemos aos seus auctores e editores.

—Da importante e prestimosa Livraria Editora Guimarães, Libanio & C.ª (Lisboa, 108, Rua de S. Roque, 110):

O Lubis-Homem: Comedia original e inedita, em 3 actos, por Camillo Castello Branco, com um prefacio por Alberto Pimentel;

O Auto do Busto: por Marcellino de Mesquita, n.º 2 do *Culto Garrettiano*;

e *O poderio da Inglaterra* (da collecção do Povo, scientifica, artistica etc.) por José de Macedo.

Commentarios á Vida: por Caïel (sr.ª D. Alice Pestana), com um prefacio da auctora e carta do sr. Teixeira Bastos fazendo a *justificação do livro;*

Contes surhumains, por Victor Emile-Michelet, com um frontespicio de Augusto Rodin;

L'Inversione delle arti: opusculo de critica do illustre homem de lettras sr. Luigi La Rosa (Roma: Casa Editora Italiana);

Les lois de la Parole: de Philéas Lebesgue (Ensaio curiosissimo de synthese phonetica);

e, finalmente, do nosso collaborador sr. Daniel Rodrigues a plaquetta *Apostrophe aos rapazes das Escolas,* em homenagem *ao divino Almeida Garrett.*

* * *

S. S. Leão XIII:—Que Leão XIII é um grande Pontifi-

ce e um Diplomata de genio, todos o sabem; todos o confessam; mesmo os mais refractarios aos ensinamentos da Egreja, a que Elle preside. Mas o que nem todos sabem é que Elle é tambem um altissimo Poeta, como á saciedade o prova o seu *Cancioneiro*, onde ha verdadeiras obras primas de poesia em italiano e em latim. Por isso aproveitamos, para o dizer, o ensejo de vir publicada no *Mundo Catholico* a versão francesa, feita pelo illustre escriptor a que no passado fasciculo da *Ave-Azul* nos referimos, sr. Visconde de Poli, da Ode *A' França*, por Sua Santidade composta em latim e enviada ao cardeal arcebispo de Reims, por occasião do 14.º centenario do baptismo de Clovis e da França. Suberba poesia aquella, a julgarmos pela versão que é tambem excellente. Do original diz o traductor, em nota, que «não só é notavel pela elegancia e puresa de sua linguagem latina, mas tambem pelos superiores pensamentos que exprime, e pela particular benevolencia do Augusto Pontifice para com a nação francesa.» Fazemos nossas as palavras de S. Ex.ª.

* * *

L'Oeuvre Littéraire: — Sob este titulo vae a *L'Humanité Nouvelle* tomar a iniciativa d'uma empresa editora destinada ao maior successo e para que, por tal motivo, chamamos a attenção dos nossos leitores.

L'Oeuvre littéraire não publicará senão obras ineditas em lingua franceza, que affirmem incontestaveis qualidades litterarias.

Os volumes editados serão no formato in-18 a 3 fr. 50, com uma capa original: optimo papel e impressão feita com o maior esmero.

A assignatura annual dá direito a 6 volumes pelo menos e a 10 volumes o maximo.

Para as edições ordinarias o preço é de 20 francos pagos á recepção do primeiro volume. Os volumes são enviados francos de porte a todos os assignantes. Cada exemplar trará impresso o nome do assignante e a assignatura autographa do auctor.

Pedidos a *L'Oeuvre litteraire:* 15. Rue des Saints Péres, Paris.

C. de L.